Introdução ao estudo da obra
Felizmente Há Luar

Luís de Sttau Monteiro publicou a sua obra **Felizmente há Luar** em [1961], porém a censura não deixou subir à cena, o que só viria a acontecer em 1978, no Teatro Nacional, numa encenação do próprio autor. Trata-se de um drama narrativo, na linha do teatro brechtiano, o seu protagonista, o General Gomes Freire de Andrade, nunca aparece em cena, mas o seu calvário, da prisão à figueira, é retraçado através da perseguição que lhe movem os governadores do reino, da forçada resignação de um povo dominado pela "miséria, o medo e a ignorância", da revolta desesperada e impotente da mulher.

Felizmente Há Luar aborda um tema da nossa história: A Conspiração de 1817. Esta obra apresenta dois tempos: o tempo da história e o tempo da escrita. O tempo da história é o século XIX (1817) época em que começa a desenhar-se a imposição do regime liberal, o tempo da escrita é o ano de 1961 (ano de convulsões de oposição ao regime salazarista).

A peça **"Felizmente Há Luar"** é uma peça épica, inspirada na teoria marxista, que apela à reflexão, não só no quadro da representação, como também na sociedade em que se insere. O teatro de Brecht pretende representar o mundo e o homem em constante evolução de acordo com as relações sociais. Estas características afastam-se da concepção do teatro aristotélico que pretendia despertar emoções, levando o espectador a identificar-se com o herói. O teatro moderno tem como preocupação fundamental levar os espectadores a pensar, a reflectir sobre os acontecimentos passados e a tomar posição na sociedade em que se insere. Surge assim a técnica do distanciamento que propõe um afastamento entre o actor e a personagem e entre o espectador e a história narrada, para que, de uma forma mais real e autêntica possam fazer juízos de valor sobre o que está a ser representado. Luís Sttau Monteiro pretende através da distanciação, envolver o espectador no julgamento da sociedade, tomando contacto com o sofrimento dos outros. Deste modo o espectador deve possuir um olhar crítico para melhor se aperceber de todas as formas de injustiça e opressões.

FELIZMENTE HÁ LUAR
LUÍS DE STTAU MONTEIRO
Obra completa

PERSONAGENS

Manuel - O mais consciente dos populares

Rita - A mulher do Manuel

Antigo soldado - Um antigo soldado do regimento de Gomes Freire

Vicente - Um provocador em vias de promoção

Dois polícias - Iguais a todos os polícias

Vários populares - O pano de fundo permanente

D. Miguel Forjaz- Prepotente, medroso com as transformações que sente; corrompido pelo poder civil

Beresford – Desprezo e sarcasmo em pessoa; denunciador do Portugal de intrigas e de traições.

Principal Sousa – Favorável ao obscurantismo do povo para que os tiranos governem livremente; deformado pelo fanatismo religioso.

Morais Sarmento e Andrade Corvo - Dois denunciantes que honraram a classe

Frei Diogo de Meio - Um homem sério que destoaria nesta peça se nela não figurassem, também,

António de Sousa Falcão - O inseparável amigo e

Matilde de Meio - A companheira de todas as horas do:

General Gomes Freire D'Andrade – que está sempre presente embora nunca apareça.

Três conscienciosos governadores do Reino

ACTO 1

A pergunta é acompanhada dum gesto que revela a impotência da personagem perante o problema em causa. Este gesto é francamente "representado", O público tem de entender, logo de entrada, que tudo o que se vai passar no palco tem um significado preciso. Mais: que os gestos, as palavras e o cenário são apenas elementos duma linguagem a que tem de adaptar-se,	*Ao abrir o pano, a cena está às escuras, encontrando-se uma única personagem intensamente iluminada, ao centro* e *à frente do palco. Esta personagem está andrajosamente vestida.* MANUEL Que posso eu fazer? Sim: que posso eu fazer? *(Dá dois passos em direcção ao fundo do palco, detém-se,* e *continua)*

Ao dizer isto, a personagem está quase de costas para os espectadores. Esta posição é deliberada. Pretende-se criar desde já, no público, a consciência de que ninguém, no decorrer desta peça, vai esboçar um gesto para o cativar ou para acamaradar com ele. (O réu não se senta ao lado dos juízes.)	Vê-se a gente livre dos Franceses, e zás!, cai na mão dos Ingleses! E agora? Se acabamos com os Ingleses, ficamos na mão dos reis do Rossio... Entre os três o diabo que escolha... *(Pausa)*
Muda de tom à voz. Está a imitar, com sarcasmo, alguém que se não sabe quem seja. Entende-se, todavia, que a personagem se refere ao ambiente político da época.	Deus todo-poderoso para a frente... Deus todo poderoso para trás... Sua Majestade para a esquerda... Sua Majestade para a direita.. . *(Pausa)*
Volta ao seu tom de voz habitual.	E enquanto eles andam para trás e para a frente, para a esquerda e para a direita, nós não passamos do mesmo sítio! *Ilumina-se, subitamente, o fundo do palco. De pé e sentadas, várias figuras populares conversam. Algumas dormem estendidas no chão. Uma velha, sentada num caixote, cata piolhos a uma rapariga nova* *(Avança e detém-se junto duma mulher ainda nova, que dorme, no chão, coberta por uma saca)*
A pergunta não é dirigida a ninguém.	A Rita dorme. A que horas chegou ela?

O gesto é lento, deliberadamente sarcástico.	1º POPULAR *(Levantando-se dum salto* e *macaqueando as maneiras dum fidalgo, finge tirar um relógio do bolso dum colete inexistente)* Saiba, meu senhor, que a Senhora D. Rita chegou tarde. Eram quase cinco horas pelo meu relógio de ouro. *(Finge levantar o relógio para o ver melhor.* *Desfaz o gesto com violência* e *continua* em *tom raivoso)* Alguém aqui tem relógio?
O tom é irónico.	*(Como ninguém responde, volta a dirigir-se a Manuel)* Esqueceram-se dos relógios em casa...
O primeiro popular volta a sentar-se.	**MANUEL** Está bem. Está bem. *(Dá um safa não na rapariga, que se levanta com lentidão)*
Começa a ouvir-se, ao longe, o ruído de tambores.	São horas de nos irmos indo, mulher.
Algumas personagens mostram certa agitação	**RITA** Já?

	MANUEL Lembra-te do que temos de andar. *(Ouve o som dos tambores)* Que é isto? *(Todos se levantam* e *escutam a medo. Alguns pegam nos seus objectos pessoais cestos, mantas esfarrapadas, uma abóbora, etc.* - e *preparam-se para fugir. Outros, parados, esperam que o som dos tambores indique a direcção da marcha das tropas.* O *ruído afasta-se. Ficam todos calados, indecisos.)* 1.° POPULAR Não vêm para cá. **O ANTIGO SOLDADO**
Em tom de quem evoca o passado com saudade.	Estas cantigas são inventadas No regimento de Freire d'Andrade São cantadas com o estilo De lá ré ó liberdade. 1.° **POPULAR** Onde aprendeu vossemecê isso? **O ANTIGO SOLDADO** Em Campo d'Ourique - já lá vão mais de dez anos - , quando eu era soldado no regimento de Gomes Freire... Aqui onde me vêem já andei nas guerras... **RITA** Com o general? **O ANTIGO SOLDADO**
O grupo começa a prestar atenção ao diálogo.	Com o general, pois!

	2.° **POPULAR** Conte lá, homem... 3.° **POPULAR** Em que guerra é que vossemecê andou? **UMA VELHA** E foi na guerra que aprendeu a cantar? (O *antigo soldado ri-se)* Então onde foi, homem? *(Juntam-se todos à volta do antigo soldado, que* se *destaca do grupo* e *avança para o proscénio seguido de todos.)* **O ANTIGO SOLDADO** *(Olha para* o *alto, tentando recordar-se)* Ora deixem ver... Uma noite, em Julho, os rapazes lá do quartel organizaram uma festa em honra da Senhora da Piedade. Vocês haviam de ter visto aquilo... A rapaziada fardada, no meio do povo... E raparigas? Aquilo é que era... *(Dá um beliscão na cara de Rita)* Onde aparecia o regimento de Gomes Freire não faltavam raparigas! **UMA VOZ** E ele? **O ANTIGO SOLDADO** Ele? **OUTRA VOZ** O general, homem... **O ANTIGO SOLDADO** Um amigo do povo! Um homem às direitas! Quem fez aquele não fez outro igual...
Fala com entusiasmo. Vê-se que Gomes Freire é o seu herói.	

	MANUEl
Este silêncio é pesado. As personagens olham para as mãos e para os lados. Foram longe de mais e sabem-no. Ainda têm nos ouvidos o ruído dos tambores, símbolo de uma autoridade sempre presente e sempre pronta a interferir.	Se ele quisesse... *(Silêncio)* **VICENTE** Se ele quisesse? Mas se ele quisesse o quê? Vocês ainda não estão fartos de generais? Cornetas, tambores, tiros e mais tiros... Bestas! *(Sobe a um caixote)* Tu, José: *(Aponta para um dos presentes)*
Fala muito depressa. Está cada vez mais excitado.	Tens sete filhos com fome e com frio e vais para casa com as mãos a abanar. Julgas que o Gomes Freire os vai vestir? *(Aponta para* o *outro)* E tu, que não comes desde ontem - estás com pressa de ir para a guerra? Julgas que matas a fome com as balas? Idiotas! Nenhum de vocês tem um tecto que o abrigue no Inverno, nenhum de vocês tem onde cair morto, mas, mal passa um tambor, não há um só que não queira ir atrás dos soldados. Catrapum! Catrapum! Catrapum, pum, pum!
Faz com as mãos o gesto de quem toca tambor.	- Idiotas! Olha lá: *(Aponta para* o *antigo soldado)* Se o teu Gomes Freire é tão bom como dizes e se a "rapaziada" lá do regimento é como tu a descreves, explica lá o que estás a fazer aqui...
Pronuncia a palavra "rapaziada" com sarcasmo.	(O *antigo soldado encolhe os ombros)* Não abres a boca? Pois então falo eu! *(Para o grupo)*

Fala alto, em tom de triunfo.	Este homem está aqui porque já não serve para nada. Ouviram? Está aqui porque já não interessa aos generais. O que eles querem é servir-se da gente! Quando um homem chega a velho e já não pode andar por montes e vales, de espingarda às costas, para eles se encherem de medalhas, tratam-no como um pobre fugido à polícia: abandonam-no, mandam-no para a porta das igrejas pedir esmola, e que a Virgem se compadeça dele... *(Para o antigo soldado)*
À medida que fala vai-se excitando cada vez mais.	Que te dizem eles, os teus generais, os tais com quem te bateste, quando te encontram na rua, miserável, sem um naco de pão para comer? Sabes o que te dizem? Sabes? Viram-se para as mulheres, e justificam os cinco réis da esmola, dizendo que te bateste como um valente na campanha do 'Rossilhão. E tu? Matas a fome com os cinco réis e com a recordação da campanha. Mas eles... eles vão para casa encher a pança! Disso podes estar certo... **O ANTIGO SOLDADO**
Fala com escárnio.	O Gomes Freire não é desses. **VICENTE** Não é desses... Não é desses... Então de quais é ele? Duns que não existem? É um santo, o teu general… **O ANTIGO SOLDADO** Não é um santo, é um homem como todos nós, mas... **VICENTE** "Mas"? Não há "mas" nem meio "mas". O que há é homens e generais. Ou se é por uns, ou se é por outros. O teu general, então, é perfeito: nem sequer é português... *(Muito excitado)*

Abre os braços num gesto que abrange os presentes, o fundo do palco, a miséria...	Estrangeirado: estrangeirado é que ele é! **MANUEL** *(Falando ao grupo)* Estrangeirado ou não, é capaz de se bater com os senhores do Rossio... **VICENTE** Mas não se bate! Vais ver que não se bate! E sabes porquê? *(Volta a falar para* o *grupo)* Porque está feito com eles, porque essa gente é toda igual… O que interessa a uns interessa a outros, e a todos interessa que a gente viva assim... **UMA VOZ** A polícia! (O *grupo dispersa com rapidez enquanto pela esquerda do palco entram dois polícias que* se *aproximam de Vicente. Este, de cima do caixote, continua a gritar: "Fujam! Fujam!* A *polícia!" até à dispersão total do grupo. Durante a fuga dos populares a luz do fundo vai diminuindo de intensidade até desaparecer completamente.* Os *polícias aproximam-se de Vicente, que desce do caixote* e *acamarada com eles. Ficam os três, iluminados, no palco.)* **VICENTE** Há muito que os não vejo. Que é feito? **1º POLÍCIA** Sempre a mesma coisa: rondas, feiras, serviço à porta deste ou daquele... sei lá. E tu? **VICENTE** Cá vou, discutindo o general, de manhã, à tarde e à noite... Para esta cambada, o Freire é Deus.

	(Senta-se, descalça um sapato e *começa a consertá-lo)* Se não lhe tratamos da saúde, talvez nos trate ele da nossa... **2º POLíCIA** *(Apanhando uma boneca esfarrapada de que uma mãe se esqueceu ao fugir)* Olha, lá, Vicente: como consegues tu inspirar a confiança desta gente? **VICENTE**
Fala com certa tristeza.	É simples: digo-lhes metade da verdade. Sonham com o Gomes Freire? Lembro-lhes que o Gomes Freire é general e falo-lhes da guerra. Haverá alguém que se não lembre da guerra? A vida tem sido uma guerra atrás da outra... Odeiam os Franceses e os Ingleses? Chamo estrangeirado ao Gomes Freire... O que não lhes digo é que se ele não fosse estrangeirado era... era como os outros... era mais um senhor do Rossio... **2º POLÍCIA** E tu acreditas nele?
Nitidamente embaraçado.	**1º POLÍCIA** È por isso, então, que… *(Os outros olham-no de frente)* Que…pois… **2º POLÍCIA** Vá: acaba o que estás a dizer. O tempo passa e viemos aqui em serviço. **1º POLÍCIA** Eu não Isa dizer nada… **VICENTE** *(Calça o sapato e levanta-se)*

	Ias, ias. Ias perguntar-me se foi por dinheiro que eu me virei contra os meus…era ou não era isso que me ias perguntar? **1º POLÍCIA** Na verdade… **VICENTE** Pois respondo-te, amigo. Respondo-te de boa vontade. *(Começa a passear em frente dos polícias)*
Fala como um alucinado, com frequentes pausas, que dão a entender não ser esta a primeira vez que pensa no assunto.	É verdade que nasci aqui e que a fome desta gente é a minha fome, mas... é igualmente verdade que os odeio, que sempre que olho para eles me vejo a mim próprio: sujo, esfomeado, condenado à miséria por acidente de nascimento. *(Estaca no palco* e *toma uma posição de pessoa importante, de fidalgo retratado por um artista medíocre do paço)*
Ao falar da cara, levanta-se, assumindo a posição dum senador romano.	Que diferença há entre mim e um fidalgo qualquer? Será que tenho uma cara diferente? Será que sou mais estúpido? Mais baixo? Mais alto? Serão as minhas pernas e os meus braços diferentes das pernas e dos braços dum desses fidalgotes das touradas?
Alarga os passos. Todos os seus gestos são estudados. Sente-se que passou longas horas estudando os hábitos e os maneirismos dos membros da classe a que desejaria ter pertencido. Ao falar, faz gestos com as mãos, gestos lentos, precisos, copiados dum fidalgo qualquer que teve ocasião de observar de perto.	Não, meus amigos. A única coisa que me distingue dum fidalgo é uma coisa que se passou há muitos anos e de que nem sequer tive a culpa: o meu nascimento. *(Pausa)* Nasci a dois passos daqui, numa trapeira em que nenhum fidalgo entraria. Quando passo lá à porta, só Deus sabe o que sinto... É por isso que odeio esta cambada a que pertenço, mas a que pertenço sem querer e com quem não tenho nada de comum! Mas vocês não podem perceber isto...
De repente olha para os polícias e compreende que está a dizer coisas que não deveria ter dito. Fecha as mãos.	*(Cai* em *si)* Tenho estado a brincar, amigos. Querem saber porque vendo os meus irmãos? Pois vendo-os por amor a N. S. Jesus Cristo e a el-rei D. João VI, que

Domina-se. Adopta um tom de voz ironicamente piedoso.	há tantos anos anda pelos Brasis cuidando dos nossos interesses... *(Ri-se)* **1°POLÍCIA** Pareces um doutor a falar... **2°POLÍCIA** É tempo de lhe dizermos ao que vimos. Está a fazer-se tarde... (O *primeiro polícia avança* e *põe-lhe a mão sobre* o *ombro.)* **1°POLÍCIA** Temos notícias para ti, amigo...
Sarcástico O sarcasmo é triste	**VICENTE** Costumo ser eu a ter notícias para vocês... **1°POLÍCIA** Andámos toda a tarde à tua procura. **VICENTE** À minha procura? **1ºPOLÍCIA** À tua procura, sim, homem de Deus. És mais importante do que pensas. Temos ordens de te levar, ainda hoje, à presença… *(Ri-se)* Adivinha de quem...
Encolhe os ombros. A ideia de falar com o tenente não o seduz.	**VICENTE** O tenente quer falar comigo.

	1° POLÍCIA *(Rindo-se)* Não é o tenente, homem. É pessoa mais grada. **VICENTE**
Começa a interessar-se.	O intendente? **2º POLÍCIA** Upa! Upa! **VICENTE**
Francamente interessado.	O próprio.. .? **1° POLÍCIA** Tanto também não! Vais falar com um governador do Reino: O Sr. D. Miguel Pereira Forjaz. Chega-te? **VICENTE** Um governador do Reino! Que me quer ele? **2º POLÍCIA** Sei lá…
Encolhe os ombros, exprimindo a impossibilidade de se compreenderem os desígnios e as intenções dos poderosos.	**1° POLÍCIA** Pode querer incumbir-te de uma missão especial… **2º POLÍCIA** Ou querer fazer-te nosso chefe… **1º POLÍCIA** (*Rindo-se*) Ou dar-te uma comenda… (Vicente afasta-se dos policias. Caminha para a esquerda do palco e detém-se. Fala sozinho) **VICENTE** Cheira-me a coisa graúda… se eu souber fazer render o peixe, sou capaz de acabar com uma capela... ou chefe de polícia, quem sabe? Eu, chefe de polícia! Estou a ver a cara do povo... Antes uma capela: carruagem, criado de libré... o povo a vir bater-me à porta: *(Num tom de voz humilde)*

	Meu senhor: nós não temos pão em casa... Dê-nos uma esmolinha por alma de quem lá tem.. . Não se esqueça de que também já teve de mendigar.. .
	(Voltando ao tom de voz habitual)
	E eu lá lhes vou dando umas moedas, por caridade.. .
Em tom galhofeiro.	*(Vira-se para os polícias)* Gostavam de me ter como chefe?
	1° POLÍCIA
	Não queríamos outra vida... Nunca te havias de esquecer de que tínhamos sido nós os portadores da boa nova...
Sorriem maliciosamente, sugerindo que seriam privilegiados se o facto acontecesse.	**VICENTE**
	(Rindo-se com desprezo)
	Ah! ah! ah! Os degraus da vida são logo esquecidos por quem sobe a escada... Pobre de quem lembre ao poderoso a sua origem... Do alto do poder, tudo o que ficou para trás é vago e nebuloso. No Olimpo designam-se por pastores desencaminhados os que têm a ousadia de lembrar as promessas do passado ou de evocar o início da ascensão...
	(Rindo-se)
Em tom paternal.	Ainda há pouco vocês diziam que eu atraiçoara os meus... Nunca se fala de traição a quem sobe na vida... Quem sobe, amigos, larga os homens e aproxima-se de Deus! Passa a ser julgado por outras leis... Então vocês julgam que, se eu fosse polícia, os queria debaixo das minhas ordens? A vocês, que sabem como eu comecei?
	(Ri-se)
	Vá! Vamos embora. Não convém que o Sr.

	Governador tenha de esperar por quem o serve com tanta dedicação... 1º **POLÍCIA** Aquilo que nós dissemos há bocado... era a brincar, Vicente.
As três personagens têm de actuar com determinação para que não haja dúvidas acerca da sua intenção de se deslocarem dum local para outro.	*(Vicente ri-se alto. As três personagens viram as costas ao público* e *encaminham-se para* o *fundo do palco com determinação. A meio caminho, o fundo ilumina-se. De pé, à direita, D. Miguel Pereira Forjaz aguarda-os de braços cruzados.)* 1º**POLíCIA** Excelência.. .
	D. MIGUEL *(Interrompendo-o com um gesto)* Este homem é seguro? Pode confiar-se nele?
	VICENTE *(Avançando e fazendo uma vénia prolongada)* Como em Deus, Excelência. Honesto e dedicado a el-rei como eu, haverá poucos fidalgos neste Reino...
Fingindo-se incrédulo.	**D. MIGUEL** Fidalgos?
Fala com segurança e a convicção de quem sabe que agrada ao papa e aos que se mostrem ainda mais papistas do que ele.	**VICENTE** Fidalgos, Excelência! De muitos poderia eu contar coisas de espantar. É certo que só poderia falar dos que andaram lá por fora. As Franças deram a volta a minha cabeça... Hoje são mais os estrangeirados do que os Portugueses... *(Cospe com repugnância)*

	D. MIGUEL Que sabe você do meu primo? **VICENTE**
O espanto de Vicente pode revestir a forma dum olhar interrogador para os dois polícias que o ladeiam.	*(Espantado)* Do primo de V. Excelência? **D. MIGUEL** Falo do general Gomes Freire de Andrade. **VICENTE**
Fixa atentamente D. Miguel porque não tem a certeza de estar a agradar. A meio da frase faz uma pausa para estudar a reacção do governador, e recomeça.	Sou um homem do povo, Excelência... Tenho o general Gomes Freire na conta em que o tem o povo. **D. MIGUEL** E em que conta o tem o povo? **VICENTE**
Francamente adulador,	Excelência: Se pusermos de parte a pessoa d'el-rei e a vossa, a ninguém tem o povo mais amor do que ao primo de V. Excelência. Soldado distinto, súbdito fiel... Em ninguém põe o povo mais esperança do que no general... **D. MIGUEL**
Irritado.	Esperança de quê? **VICENTE**
Vicente começa a compreender que se enganou ao gabar Gomes Freire, mas ainda não sabe que caminho há-de tomar.	*(Depois de examinar o governador com atenção)* Excelência: fala-se de... fala-se de... V. Exª não pode ignorar que se fala de revolução. **D. MIGUEL**
Com esperança	E liga-se o nome de meu primo a essa revolução?

	VICENTE
Como quem pede desculpa.	O povo fala...
	D. MIGUEL
Com escárnio.	O povo fala... E que interessa o que diz o povo?
	VICENTE
	Há quem diga que a voz do povo é a voz de Deus... Mas também há quem diga o contrário! Bem vistas as coisas, que pode a voz do povo contra a voz d'el-rei?
	UMA VOZ
	(Vinda de fora do palco e *aumentando a intensidade à medida que o principal Sousa* se *aproxima dos presentes)*
	Diz o "Eclesiastes" que, tendo Deus dividido o género humano em várias nações, a cada uma delas deu um príncipe que a governasse.. .
	(O *principal Sousa surge no palco, imponentemente vestido)*
	É de origem divina o poder dos reis e é portanto a sua - e não a do povo - a voz de Deus.
	VICENTE
	(Com humildade)
	O povo, Reverência, não leu o "Eclesiastes" e pouco se preocupa com a origem do poder. Interessa-lhe mais o preço do pão... Talvez, se o ensinassem a ler, tomasse conhecimento do "Eclesiastes"…
	PRINCIPAL SOUSA
	E talvez não, meu filho: a sabedoria é tão perigosa como a ignorância! Ambas podem afastar o homem de Deus e dos seus caminhos. Sei bem como a palavra "liberdade", na boca dos demagogos, se torna aliciante e admito, até, que o soberano, por vezes, tenha ido contra a lei estabelecida, mas esta interrupção duma lei

	particular é justificada pela lei geral, que lhe confia todo o poder necessário para a salvação do Estado... Compreendes, meu filho? **VICENTE** Se compreendo, Reverência! À medida que vou envelhecendo, a minha capacidade de compreensão torna-se cada vez maior... **D. MIGUEL** *(Para o principal Sousa)* De toda a parte me vêm relatórios inquietantes, Reverência. O povo fala abertamente em revolução... Nas lojas de bebidas, murmurando-se o nome de Gomes Freire... **VICENTE** No Cais do Sodré há um café, Excelência, onde se reúnem todos os dias os defensores do sistema das cortes... **D. MIGUEL** A revolta de Pernambuco incendiou as almas. **PRINCIPAL SOUSA** Há que apagar o fogo perseguindo os insensatos, Sr. Governador. Se o poder é de origem divina, os que contra ele se batem, a si mesmos trazem a condenação, como S. Paulo inculcou aos Romanos... **D. MIGUEL** *(Para Vicente)* Tenho uma missão para si. Quero que se torne conhecido para os lados do Rato e que veja quem entra em casa de meu primo. Quero que me venha aqui trazer, todas as manhãs, uma lista das pessoas com quem o general se dá. Uma lista a que não falte ninguém. Se cumprir esta missão com o zelo que lhe impõe o seu dever e a
Fala com ironia, como um homem que, tendo sido aceite num clube de acesso difícil, se adapta imediatamente à linguagem dos sócios mais antigos.	

	gravidade da situação, prometo-lhe que não acabará os seus dias a pedir. Interessa-lhe a chefia dum posto de polícia? **VICENTE** Só me interessa. Excelência, a oportunidade de servir el-rei e a Pátria. Nada mais me interessa. Agora - ou mais tarde, como chefe de polícia - é o que farei... *(Vicente faz uma vénia.)* **PRINCIPAL SOUSA**
Estende o braço num gesto que, não sendo o da benção, deve, toda. via, sugeri-lo.	Vá, meu filho, e ajude-nos a cuidar do rebanho, indicando-nos as ovelhas tresmalhadas antes que elas contagiem as restantes. . Que Deus o proteja na sua missão. *(Vicente faz outra vénia e, ladeando pelos dois polícias, avança para o centro do palco enquanto a luz do fundo se apaga.)* **VICENTE** *(Rindo-se)* E falavam vocês de traição... *(Ri-se mais)* Como vêem, não se trata de traição, mas antes pelo contrário, de zelo e dedicação pela causa da Pátria e d'el-rei... *(Rindo-se mais ainda)* Até Deus está comigo, não ouviram? Diz-me com quem andas e dir-te-ei quem és... **1° POLÍCIA** *(Irónico)* Referes-te a Deus ou a ti? *(Vicente ri. Saem os três pela esquerda, enquanto o principal Sousa e D. Miguel avançam até se encontrarem no centro e à frente do palco.*

	Vêm falando) **PRINCIPAL SOUSA** Se a um ministro de Deus é permitido odiar, que o Senhor, um dia, perdoe o ódio que tenho aos Franceses... Veja, Sr. D. Miguel, como eles transformaram esta terra de gente pobre mas feliz num antro de revoltados! Por essas aldeias fora é cada vez maior o número dos que só pensam aprender a ler... Dizem-me que se fala abertamente em guilhotinas e que o povo canta pelas ruas canções subversivas.
Em tom de confidência. Fala como um homem desiludido que, depois de ter dado o melhor do seu trabalho, se vê incompreendido e desacreditado.	**D. MIGUEL** A polícia não chega para arrancar os pasquins revolucionários das portas das igrejas.. . O mundo parece estar atacado de loucura, Reverência…
Aponta para o tecto.	**PRINCIPAL SOUSA** Maior é, por isso mesmo, a nossa responsabilidade. Esta noite sonhei que nós, os governadores do Reino, tínhamos sido destacados, pelo Senhor, para a primeira linha de combate eterno entre o bem e o mal. Temos uma missão a cumprir, uma missão sagrada e penosa: a de conservar no jardim do Senhor este pequeno canteiro português. Enquanto a Europa se desfaz, o nosso povo tem de continuar a ver, no Céu, a Cruz de Ourique.
	D. MIGUEL Se a Europa nos desse ouvidos...
Beresford vem fardado. A farda, ainda que regulamentar, não é espaventosa e está um pouco usada.	**BERESFORD** *(Avançando do fundo do palco* e *falando)* A Europa... A Europa... Deixai-a que ela nem se perde nem carece dos vossos conselhos. *(Cumprimenta os dois)* Excelências: não vim aqui para perder tempo com conversas filosóficas. Venho falar-lhes de

	coisas mais sérias. **PRINCIPAL SOUSA**
O principal não gosta de Beresford e fala-lhe sem sorrir.	O marechal Beresford sabe de alguma coisa mais séria do que a conservação do reino do Senhor? **BERESFORD**
Beresford fala como quem fala a uma criança.	*(Encolhendo os ombros)* Poupe-me os seus sermões, Reverência. Hoje não é domingo e o meu senhor não é vassalo de Roma. **PRINCIPAL SOUSA**
Fala para D. Miguel, mas vê-se que se refere a Beresford, para quem olha ao falar no Conselho da Regência.	*(Para D. Miguel)* O reino de Deus está a saque e os inimigos do Senhor já não se encontram apenas na rua... Há-os nos palácios e no próprio Conselho da Regência. Ao que o mundo chegou, para que me veja obrigado a aceitar o auxílio dum herege a fim de combater outros hereges... **BERESFORD**
	Senhores: Deixemos o reino de Deus para outra ocasião. O que me traz aqui é bem mais grave. Enquanto estamos a conversar - neste mesmo momento - conjura-se abertamente em Lisboa. Dentro de minutos vem aqui um oficial repetir a VV. Ex.as o que me disse ontem, à noite, em minha casa. Oiçam bem o que ele diz, porque, da decisão que tomarmos, depende a cabeça de V. Ex.a, Sr. D. Miguel, os meus 16 000$00 anuais e a possibilidade de o principal Sousa continuar a interferir nos negócios deste Reino. **D. MIGUEL**
Não há receio nem ironia na voz de D. Miguel...	Querem matar-me? **BERESFORD**
Beresford é um homem prático, que encara objectivamente a realidade. O seu tom de voz está de	Talvez não o queiram, mas têm de o fazer. Quando se carrega no gatilho duma espingarda, a bala tem necessariamente de sair, ainda que se

acordo com a sua maneira de ser.	tape a boca do cano com a mão, ou que ali o Sr. Governador reze três terços para a reter. **D. MIGUEL** *(Falando sozinho)* Sempre a Revolução Francesa *(Para os dois)* Temos de a impedir seja como for. Temos de a impedir com tal brutalidade que ninguém volte a conjurar neste Reino... Se o não fizermos, se tivermos piedade, ou escrúpulos, mais tarde ou mais cedo voltaremos ao mesmo. **BERESFORD** Conheço o nome de alguns conspiradores, mas não sei quem seja o chefe... **PRINCIPAL SOUSA** O nome do chefe é o que menos interessa. Ninguém se lembra do nome do tocador de trombeta que fez abater os muros de Jericó, mas Jericó caiu... **D. MIGUEL** *(Para Beresford)* Quem é o oficial que nos anunciou? **BERESFORD** Um tal Andrade Corvo de Camões. Mau oficial, ignorante, e julgo, até, que pedreiro-livre. **PRINCIPAL SOUSA** Mas dedicado, ao que parece. **BERESFORD** Dedicado à sua própria causa, como todos os da sua laia... Pretende ser promovido pela denúncia, já que o não pode ser por mérito.
Beresford fala com desprezo.	

	(Sorri) É aquilo a que se chama aqui um bom rapaz: bem vestido, amigo dos prazeres e com tão poucos conhecimentos que, se el-rei voltasse do Brasil, bem o poderia fazer moço do paço... **D. MIGUEl** *(Para Beresford)* Ainda há pouco saiu daqui um homem que confirmou tudo o que V. Ex.a diz... Um tal Vicente.. . **BERESFORD** *(Rindo-se)* Dois denunciantes: um Corvo e um Vicente. São as armas da cidade... **D. MIGUEL** Deve estar a chegar **PRINCIPAL SOUSA** Vamos, então, recebê-lo. *(Viram as costas ao público* e *encaminham-se para* o *fundo do palco enquanto, pela esquerda, entram Andrade Corvo* e *Morais Sarmento, embuçados.)* **'CORVO** 800$00 por ano! Com 800$00 por ano, um homem pode fazer figura nesta cidade", **MORAIS SARMENTO** E a mim? Quanto me darão a mim? **CORVO** Não tome a sério o que lhe digo, capitão, Tudo isto não passa de uma esperança, É bem possível que não me dêem nada",

	MORAIS SARMENTO Com 800$00 por ano, nunca mais punha os pés no regimento... **CORVO** Deixemo-nos de sonhos e vamos andando. Suas Excelências devem estar à nossa espera. *(Andrade Corvo dá um passo, mas* o *amigo agarra-lhe* o *braço* e *detém-no.)* **MORAIS SARMENTO**
Sente-se que está preocupado	Só uma coisa me preocupa... **CORVO**
Impaciente.	Que é? **MORAIS SARMENTO** O que vão dizer de nós. **CORVO**
Fala rapidamente, com visível impaciência.	O que está feito, está feito. De qualquer forma, não se esqueça, capitão, de que nos enforcariam com toda a certeza se lhes passasse pela cabeça que tínhamos tido conhecimento de tudo e que tínhamos ficado calados... *(Sorri)* Olhe, meu amigo, a partir de hoje só temos uma coisa a fazer: ser mais realistas do que o próprio rei. Dessa forma compreenderão que actua mos por a mor à Pátria e a el-rei. . . **MORAIS SARMENTO** Muitos duvidarão **CORVO** Chamaremos jacobinos aos que duvidarem!

	MORAIS SARMENTO Chamar-nos-ão denunciantes... **CORVO** Desses diremos que são traidores à Pátria. **MORAIS SARMENTO** Não falarão connosco... **CORVO** Antes pelo contrário: nós é que lhes não **MORAIS SARM ENTO** Os nossos filhos... **CORVO** Usarão os nomes de suas mães e gastarão o dinheiro de seus pais... Vê como tudo é simples? Meu amigo: você desconhece o que se compra de respeitabilidade com uma pensão anual de 800$00... Vamos. Está a fazer-se tarde. *(Ilumina-se o palco. D. Miguel Forjaz, Beresford* e *o principal Sousa estão sentados em três cadeiras pesadas* e *ricas com aparência de tronos.)* **BERESFORD** O capitão Andrade Corvo, de quem lhes falei, Excelências. *(Os governadores do Reino observam os recém-chegados com atenção, mas não esboçam um gesto para os cumprimentar.)* **CORVO** Excelências: trago comigo um patriota que pode testemunhar o que ontem contei ao Sr. Marechal.

A palavra "patriota" é proferida com ironia.	**D. MIGUEL** *(Rindo-se)* Os "patriotas" raras vezes andam sozinhos... Defendem-se sempre, andando em grupo, tal é o conhecimento que têm de si mesmos... Diga-me, Sr. Capitão, como se chama o "patriota" seu amigo? **CORVO** Pedra Pinto de Morais Sarmento, capitão. **BERESFORD** E quem lhe disse que eu precisava de testemunhas para crer no que ontem me contou? **CORVO** Dois depoimentos valem mais do que um só. **D. MIGUEL** *(Para os governadores)* Os "patriotas" acabam sempre por julgar os outros pelo conceito que de si próprios têm... Quando querem crédito para o que dizem, avançam sempre de prova em punho e testemunha ao lado... *(Para o capitão)* Dois depoimentos valem então mais do que um só? Isso não será, Senhor Capitão, a apologia do sistema das cortes? **CORVO** Excelência: referia-me a depoimentos de gente comum. É evidente que um só depoimento de qualidade anula todos os restantes... **PRINCIPAL SOUSA** E só el-rei tem essa qualidade e só o Salvador a

	pode conferir... **D. MIGUEL** O seu nome não me é estranho alguém me disse que o Sr. Capitão exerceu grande actividade numa loja maçónica designada pelo nome de "Virtude"... à Rua de São Bento. **CORVO** Nunca ocultei que, na verdade, andei perdido... **D. MIGUEL** Tem agora ocasião para nos mostrar que já o não anda. El-rei é generoso para com os seus súbditos dedicados, mas é implacável para com quem se perde pelos caminhos... Conte-nos o que sabe. **CORVO** Senhor: há dois dias o meu amigo Morais Sarmento entrou no botequim do Marrare e encontrou um tal Calheiros, que lhe mostrou uma proclamação contra o rei, o Sr. Marechal e os empregados públicos... **PRINCIPAL SOUSA** Essa proclamação referia-se à Igreja, meu filho? **MORAIS SARMENTO** Não, Reverência, não vi qualquer **CORVO** Mas referia-se a V. Ex.a, como governador que é do Reino... **BERESFORD** *(Para os governadores)* Infelizmente não lhe foi possível obter a proclamação… **D. MIGUEL** Que é preciso obter a todo o custo. Que mais

	soube, capitão? **CORVO** Que se trama uma conspiração, Excelência. **D. MIGUEL** E quem a dirige? **CORVO** Não sei, Excelência. **BERESFORD** *(Para os governadores)* Só o poderemos saber através destes dois... "patriotas". Creio que teremos de lhes pedir que nos obtenham a proclamação... **D. MIGUEL** *(Para os capitães)* Não lhes quero ocultar o que sei a vosso respeito. Tanto o Sr. Capitão Corvo como o Sr. Capitão Morais Sarmento pertencem à Maçonaria e ambos estão, portanto, numa situação delicada. *(Levanta-se e passeia de um lado para o outro)* Para readquirirem a confiança da Regência, têm de a servir com o mesmo zelo com que serviram as suas lojas. Certamente lhes não será difícil fazê-lo... principalmente se souberem que os aguarda não só a confiança d'el-rei como algo mais substanciaL… *(Volta a sentar-se.)* **BERESFORD** Tragam-nos a proclamação... obtenham-na seja como for...

O tom é trocista. Beresford não perde ocasião de provocar o principal.	**CORVO** O Calheiros é de Santarém, Excelência. Conheço um amigo dele, um tal João de Sá Pereira, que bem manejado, talvez consiga... **PRINCIPAL SOUSA** Os pormenores, Sr. Capitão, são consigo. Não me interessa saber como são castigados os inimigos do Senhor mas, apenas, que o são. **BERESFORD** Não percam tempo, senhores. O momento é grave e a causa justa. Vão. *(Corvo e Morais Sarmento saem pela esquerda do palco.)* **BERESFORD** *(Para* o *principal Sousa)* Não se pode dizer, Reverência, que para esta seara os braços sejam poucos... **PRINCIPAL SOUSA** Ainda há portugueses honrados nos tempos que correm.. . **BERESFORD** *(Rindo-se)* Atrás de nós... **PRINCIPAL SOUSA** *(Que não compreendeu* o *marechal)* Atrás de nós? **BERESFORD** Limitei-me a completar a sua frase, Reverência.

	Espero que não tenha ilusões acerca da revolta que se trama! É o tempo, Reverência, o tempo que corre atrás de nós. O velho está sempre a ceder perante o novo e o novo sempre a destruir o velho...
	PRINCIPAL SOUSA
Catalogando-o de humorista, finge não compreender a ironia dos seus comentários e assim se justifica junto dos outros, por não lhe responder.	Trama-se contra el-rei, e V. Exª brinca!
	BERESFORD
	(Rindo-se)
	Não brinco, Reverência, não brinco... Dentre nós, só V. Reverência brinca... e com o fogo!
	PRINCIPAL SOUSA
	Fala de tal forma que ninguém o entende.
	BERESFORD
	Preferia, certamente, que me exprimisse em latim?
	D. MIGUEL
	(Com autoridade)
	Senhores! A paz deste Reino e a missão que el-rei nos confiou não permitem que percamos tempo com conversas fúteis. Trama-se uma conjura destinada a atacar a própria estrutura da sociedade em que vivemos. Se não tomarmos as necessárias precauções, dentro em breve teremos a desordem nas ruas e a anarquia nas almas!
	BERESFORD
	E não estaremos cá para assistir ao espectáculo...
	PRINCIPAL SOUSA
	Deus Nosso Senhor não permitirá que se destrua a Sua autoridade!

	BERESFORD *(Rindo-se)*
O tom do marechal é sempre jocoso. Sente-se que não toma os Portugueses a sério, embora esteja disposto a colaborar com eles na medida do necessário para a obtenção dos seus fins.	Como a vida num país pequeno acaba por atrofiar as almas!... Diga-me, Reverência, onde estava Deus Nosso Senhor, em 1793, quando os Franceses cortaram a cabeça ao representante da Sua autoridade? **PRINCIPAL SOUSA**
O principal Sousa nunca conseguiu discutir com o marechal. Defende-se dele negando-lhe a seriedade necessária a uma discussão.	Excelência! Vai longe de mais nos seus gracejos!
	BERESFORD Neste Conselho só eu me posso dar ao luxo de gracejar! Se a autoridade de Deus Nosso Senhor for discutida, VV. Ex.as, como representantes que são dessa autoridade, seguirão o destino que ela tiver... mas eu - um simples técnico estrangeiro - serei devolvido à procedência... voltarei à minha terra, onde os hereges, Reverência, regulamentaram a autoridade do Senhor a tempo de evitar a guilhotina. *(Levanta-se e encaminha-se para a esquerda do palco)* Como vê, Reverência, sou o único dos presentes que se pode dar ao luxo de gracejar... *(Olhando para a rua, duma janela)*
Através da janela, Beresford contempla uma paisagem portuguesa e descreve as belezas naturais da sua terra. Esta situação é, em si mesma, uma crítica a Portugal, que ele, como se depreende, despreza.	Está um lindo dia! Na minha terra, quando apanhamos um dia assim, saímos a cavalo. Os prados são tão verdes, Excelências, que os olhos acabam por se cansar. E as árvores... quem não viu as árvores da minha terra, nunca viu árvores... **D. MIGUEL** Também aqui se pode sair a cavalo... **BERESFORD** Sim, também aqui se pode sair a cavalo, mas os

	prados são secos, Excelência, e as árvores tão entisicadas que parecem ter sido todas plantadas pelo principal Sousa... **PRINCIPAL SOUSA** *(Com fúria)* Então porque se não vai embora? Porque não regressa aos seus prados e às suas árvores? **BERESFORD**
Fala lentamente. Está a lembrar-se de tudo o que deixou atrás de si.	Porque não tenciono regressar sem ter assegurado um futuro que me compense dos sacrifícios do presente, Excelência. Sou duma terra onde as leis são humanas, as pessoas cultas e a vida cheia de sentido... Sou duma terra onde um homem vive como um homem... *(Pausa)* E estou aqui, entre vós, discutindo filosofias mortas e preparando execuções! *(Encolhe* os *ombros* e *vira-se para* os *restantes governadores)* Que me dais, senhores, para me compensar de tudo o que fui forçado a abandonar para os servir? Honras? E quem mas presta? O vosso exército pindérico? Os vossos doutores em Teologia? *(Ri-se)*
Sente-se nesta frase do marechal um sarcasmo violento que reduz os presentes, a cidade e o país a uma insignificância provinciana e total.	Títulos? Mas quem é o marquês do Campo Maior fora do botequim do Marrare? *(Ri-se)* Não, Excelência, não! Pretendo uma única coisa de vós: que me pagueis - e bem! Tão bem que, ao voltar à minha terra, possa olhar para trás sem lamentar os anos que por cá perdi. Estou aqui pelos mesmos motivos que vos levam a viver durante anos nas florestas do Brasil e, por isso mesmo, sou o mais fiel e o mais dedicado dos vassalos deste Reino. É preciso acreditar no poder divino dei-rei? Cá está o marechal Beresford para acreditar no poder divino dei-rei. É preciso assistir ao *Te Deum* do Principal Sousa? Cá está o

Encolhe os ombros num gesto de desprezo.	marechal Beresford, marquês de Campo Maior, para assistir a todos os *Te Deums* a que seja necessário assistir, desde que lhe paguem, ao fim do ano, a quantia que um dia lhe permitirá, na sua terra viver como *gentleman!* **D. MIGUEL** Um mercenário! **BERESFORD** *(Rindo-se)* Troco os meus serviços por dinheiro, Excelência. Há quem os troque por uns anos no poder e há quem os troque por outras coisas. Haveis de compreender, senhores, que esta não é a minha pátria e que não é por patriotismo que vos estou reorganizando o exército. Mas... deixemo-nos de conversas inúteis! Não interessa agora, saber o que leva cada um de nós a actuar desta ou daquela maneira. O que interessa é saber qual é a melhor forma de sufocar a revolta que se prepara. *(Sorri)* Senhores, afirmo-vos em nome dos meus 16 000$00 anuais, que farei tudo o que for necessário para os continuar a receber! **D. MIGUEL** Conto consigo, Excelência! **PRINCIPAL SOUSA** Não lhe oculto que não gosto de si, Sr. Marechal, mas sei que no momento presente preciso do seu auxílio. *(Para D. Miguel)* Quem será, Sr. Governador, o chefe da conjura? **D. MIGUEL** *(Rindo-se)* Que importa? Essa pergunta, Reverência, não é

	digna dum estadista. Que um irresponsável queira saber quem é o chefe duma conspiração, entende-se, mas que um estadista também o queira, já não. Perante uma conjura, o estadista esfrega as mãos, Reverência, e agradece ao Senhor a oportunidade de aniquilar alguns inimigos de Deus e do Estado. *(Levanta-se)* A pergunta é: quem deverá, ou convirá, que tenha sido o chefe da revolta? **PRINCIPAL SOUSA**
O principal Sousa, que só no segundo acto se revela inteiramente, apenas pretende salvar a sua consciência, isto é, apenas deseja ser convencido, pelos outros, da necessidade de tomar as medidas, que, aliás, já está inteiramente decidido a tomar.	E condena-se um inocente? **D. MIGUEL** Não há inocentes, Reverência. Em política, quem não é por nós, é contra nós. *(Entra Vicente pela esquerda do palco.)* **VICENTE** Senhores! Senhores! Ontem à noite entraram mais de dez pessoas em casa de... **D. MIGUEL** Cuidado **VICENTE** *(Atrapalhado. Olhando à sua volta)* Entraram mais de dez pessoas na casa que fui incumbido de vigiar... **D. MIGUEL** Conhece-lhes os nomes? **VICENTE** Só de sete, senhor.

	D. MIGUEL *(Para Vicente)* Está bem. Continue. *(D. Miguel, depois de Vicente ter saído pela esquerda do palco, prossegue para os governadores)* A questão que temos de resolver, Excelência, é, portanto, bem simples. Consiste apenas em chegarmos a acordo acerca da pessoa que mais nos convém que tenha sido o chefe da conjura. **PRINCIPAL SOUSA** Não me agrada a condenação dum inocente. **BERESFORD** Está nas suas mãos, Reverência, evitar que seja condenado um inocente... **PRINCIPAL SOUSA** Como?
A ingenuidade do principal Sousa não é verdadeira. Este prelado defende-se, sempre, tentando mostrar-se alheio à política e às decisões em que intervém.	**BERESFORD** *(Sorrindo)* Nomeando quem tenha na alma a semente do jacobinismo... Se peca quem não acata a palavra de Deus, mais peca, com certeza, quem não aceite ou discuta a Sua autoridade... V. Reverência ainda há pouco disse que a autoridade dos reis provinha de Deus... **PRINCIPAL SOU** Na verdade... **BERESFORD** *(Rindo-se)* Até os mercenários sabem teologia... São eles, aliás, que mais vezes carecem dela. A consciência humana, Reverência, satisfaz-se com meia dúzia de artifícios mentais.

	PRINCIPAL SOUSA Lá está V. Ex.a brincando outra vez! *(Pausa)* Digam-me: já pensaram em alguém? **D. MIGUEL** O problema é delicado. **BERESFORD** *(Levanta-se* e *passeia dum lado para o outro do palco)* A minha missão consiste em reorganizar o _ exército e é meu inimigo, portanto, quem me *(A luz que incide sobre D. Miguel* e *o principal Sousa começa a diminuir de intensidade até desaparecer, ficando apenas Beresford iluminado)*
Beresford fala sozinho. Estaca. A última frase é proferida no tom de quem já pensou no assunto.	É, também, meu inimigo quem me possa substituir na organização do exército... ou lá se vão os meus 16 000$00. Dizem que eu sou um grande sargento e um mau oficial, que sei organizar um exército, mas que não o sei comandar em campanha. Basta que surja um oficial com um passado brilhante para me destronar... Não devo esquecer-me de que estou rodeado de inimigos: o clero odeia-me porque não sou da sua seita; a nobreza, porque não lhe concedo privilégios; o povo, porque me identifica com a nobreza, e todos, sem excepção porque souestrangeiro... O próprio D. Miguel só vê em mim uma limitação ao seu poder... Neste país de intrigas e de traições, só se entendem uns com os outros para destruir um inimigo comum e eu posso transformar-me nesse inimigo comum, se não tiver cuidado. *(Pausa)* Não é prudente ainda dizê-lo aos outros, mas não há dúvida de que existe um português capaz

	de me destronar... *(Fala agora para D. Miguel* e *o principal Sousa, que surgem subitamente iluminados)* Senhores, temos de encontrar alguém que tenha prestígio no exército. Julgo que nos convém um oficial de patente elevada, com um bom passado militar. Concretamente, não sei de ninguém que lhes possa indicar. *(Senta-se* e, *pela direita do palco, entra Andrade Corvo embuçado.)* **CORVO** Excelências: Já partiram para a província emissários dos conjurados e sei que é elevado o número de pessoas envolvidas na conspiração. Cá ando, sempre fiel a el-rei, na missão de que me incumbiram..., *(Sai pela esquerda do palco.)* **PRINCIPAL SOUSA** Mas, Srs. Governadores, sem provas, sem nada com que demonstremos a culpabilidade do réu, onde encontraremos oficiais que o prendam e juízes que o condenem? **D. Miguel** Nada há de mais fácil, Reverência. Para *o* público não compreender o que se passa, o julgamento será secreto, e para evitar o perdão de el-rei, a execução seguir-se-á imediatamente à sentença. **PRINCIPAL SOUSA** E quanto ajuízes? **D. Miguel** Reverência: as provas judiciais pertencem ao domínio da razão e, se não pudermos condenar nesse domínio, faremos com que o julgamento decorra no outro, o da emoção, já que a emoção, Reverência, nem carece de provas, nem se apoia

	na razão. **PRINCIPAL SOUSA** E a quem recorreremos? **D. Miguel** A "patriotas", Reverência. Há-os sempre prontos a condenar o que não entendem e a classificar de racionais os seus estados emotivos. Os estadistas recorrem a tal gente sempre que a mais nada podem recorrer...
	PRINCIPAL SOUSA Mas... prestar-se-ão a isso? **D. Miguel** A tudo, Reverência, a tudo! Aliás, os seus serviços não serão gratuitos... Para o juiz da Inconfidência irão os bens do condenado... Para os restantes, Reverência, comendas e promoções... El-rei é generoso!
Zombeteiro.	**BERESFORD** Verá, Reverência, que também não faltarão braços para esta seara... basta prometer melhoria de rancho a todos os que colaborarem...
	PRINCIPAL SOUSA Não seria preferível meter todos os conspiradores numa fragata, e mandá-los... *(Entra pela direita do palco Morais Sarmento, que interrompe* o *principal.)*
Os denunciadores valorizam os seus serviços exagerando a gravidade da conjura.	**MORAIS SARMENTO** Excelências: a conspiração destina-se a implantar neste Reino o sistema de cortes! **D. Miguel** *(Depois de um momento de espanto)* Aqui tem, Reverência, a resposta à sua pergunta.

	Não! Não e não! Meter essa gente numa fragata seria dar a tudo um ar de violência e de injustiça que só serviria os projectos dos seus aderentes. É preciso acabar de vez com esta gangrena. Já pensou em alguém, Reverência, que a Deus e ao Estado convenha liquidar? **PRINCIPAL SOUSA** São muitos os inimigos do Senhor, nos dias que vão correndo. Fala-se de Deus com ironia e da sua Igreja como se de letra morta se tratasse.. . Os piores, Srs. Governantes, são os pedreiros-livres... Ninguém mais do que eles contribui para o alastramento da gangrena. Quem será o chefe da Maçonaria? *(Entra Vicente pela esquerda do palco.)* **VICENTE** Grande número de conspirações são oficiais, mas há muitos civis que aguardam a revolta com entusiasmo... *(Entra Corvo pela direita do palco.)* **CORVO** No estado em que se encontra o Reino, basta um grito na rua para que as labaredas alastrem de norte a sul... **VICENTE** E para que o sangue corra nas ruas. **CORVO** De cada árvore farão uma forca, de cada cave uma prisão... **PRINCIPAL SOUSA** Tenho medo... *(Para D. Miguel)* Senhor Governador, tenho medo. Há dois dias que quase não durmo e mesmo, quando passo pelo sono, perseguem-me imagens terríveis:

	imagino-me réu perante um tribunal que me não respeita. Dedos imundos tocam-me as vestes. Sonhei já três vezes que estava no Campo de Sant'Ana, subindo ao cadafalso, enquanto à minha volta os gritos do povo me não deixavam, sequer, ouvir a sentença... **BERESFORD** *(Para Vicente* e *para Corvo)* Os chefes?! Quem são os chefes? **CORVO** Fala-se deste e daquele, mas ninguém sabe ao certo. **BERESFORD** Quero saber quem são os chefes. Comprem quem for preciso, vendam a alma ao diabo, mas tragam-nos os nomes dos chefes... *(Corvo* e *Vicente saem.)* **D. MIGUEL** Eu também tenho medo, senhores, mas o meu medo não é semelhante ao vosso. Pouco me importa a fortuna ou a vida, ambas daria de boa vontade, se me fosse necessário fazê-lo, pela minha terra. A Pátria, Excelências, não é, para mim, uma palavra vã... Se algum sonho tenho, se a um estadista é permitido sonhar, o meu sonho é de não morrer sem exterminar de vez as sementes da anarquia e do jacobinismo... Sonho com um Portugal próspera e feliz, com um povo simples, bom e confiante, que viva lavrando e defendendo a terra, com os olhos postos no Senhor. Sonho com uma nobreza orgulhosa, que, das suas casas, dirija esta terra privilegiada. Vejo um clero, uma nobreza e um povo conscientes da sua missão, integrados na estrutura tradicional do Reino... Não lhes nego, Excelências, que não sou um homem do meu tempo. Um mundo em que não se distinga, a olho nu, um prelado dum nobre, ou um nobre dum

	popular, não é mundo que eu deseje viver. Não concebo a vida, Excelências desde que o taberneira da esquina possa discutir a opinião d'el-rei, nem me seria possível viver desde que a minha opinião valesse tanto como a de um arruaceiro. Pergunto-vos, senhores: que crédito, que honras, que posições seriam as nossas, se ao povo fosse dado escolher os seus chefes? **BERESFORD** Já que temos ocasião de crucificar alguém, que escolhamos a quem valha a pena crucificar... Pensou em alguém, Excelência? **D. MIGUEL** *(Passeando agitadamente à frente do palco)* Sou um homem de gabinete. Não tenho as qualidades necessárias para falar ao povo... *(Começa a apagar-se a luz que incide sobre Beresford e o principal Sousa)* Repugna-me a acção, estaria politicamente liquidado se tivesse de discutir as minhas ordens… Não sou, e nunca serei, popular. Quem o for, é meu inimigo pessoal. *(Pausa)* No estado em que se encontra o Reino, basta o aparecimento de alguém capaz de falar ao povo para inutilizar o trabalho de toda a minha vida... E há quem seja capaz de o fazer... *(Entram Corvo e Vicente, respectivamente pela esquerda e pela direita do palco.)* **VICENTE** Excelências, todos falam num só homem... **CORVO** Um só nome anda na boca de toda a gente. *(Surge Morais Sarmento, que avança do fundo*

	do palco.) **MORAIS SARMENTO** Senhores Governadores: onde quer que se conspire, só um nome vem à baila. **CORVO**
Abre os braços no gesto dramático de quem faz uma revelação importante e inesperada.	O nome do general Gomes Freire d'Andrade! *(Acende-se a luz que ilumina Beresford* e o *principal Sousa.)* **D. MIGUEL**
Começam a ouvir-se tambores ao longe, muito em surdina.	Senhores Governadores: aí tendes o chefe da revolta. Notai que lhe não falta nada: é lúcido, é inteligente, é idolatrado pelo povo, é um soldado brilhante, é grão-mestre da Maçonaria e é, senhores, um estrangeirado... **BERESFORD** Trata-se dum inimigo natural desta Regência. **PRINCIPAL SOUSA** Foi Deus que nos indicou o seu nome. **D. MIGUEL** *(Sorrindo)* Deus e eu, senhores! Deus e eu... **CORVO** Mas, senhores, nada prova que o general seja o chefe da conjura. Tudo o que se diz pode não passar de um boato… **D. MIGUEL** Cale-se! Onde está a sua dedicação a el-rei, capitão? **PRINCIPAL SOUSA** Agora me lembro de que há anos, em Campo

	d'Ourique, Gomes Freire prejudicou muito a meu irmão Rodrigo! **D. MIGUEL** Se eu fosse a falar do ódio que lhe tenho... **BERESFORD** O marquês de Campo Maior tem razões para odiar a Gomes Freire... **D. MIGUEL**
D. Miguel anda, no palco, dum lado para o outro, com passos decididos.	E, agora, meus senhores, ao trabalho! Para que o país não se levante em defesa dos conjurados há que prepará-lo previamente. Há gente, senhores, que sente grande ardor patriótico sempre que os seus interesses estão em perigo. Há que provocar esse ardor. Há que pôr os frades, por esse país fora, a abramar dos púlpitos contra os inimigos de Deus. Há que procurar em cada regimento um oficial que se preste a dizer aos soldados que a Pátria se encontra ameaçada pelos inimigos de dentro. Há que fazer tocar os tambores pelas ruas para se criar um ambiente de receio. Os estados emotivos, Srs. Governadores, dependem da música que se tem no ouvido. Para que se mantenham, é necessário que as bandas não parem de tocar. Quero os sinos das aldeias a tocar a rebate, os tambores, em fanfarra, nas paradas dos quartéis, os frades aos gritos nos púlpitos, uma bandeira na mão de cada aldeão! *(Começa a entrar povo pela direita* e *pela esquerda do palco.* Os *tambores tocam sem cessar).* Quero o país inteiro a cantar em coro. Lembrai-vos, senhores, de que uma pausa pode causar uma ruína de todos os nossos projectos! *(Entra pela direita do palco um púlpito a que* o *principal Sousa sobe. Começa a ouvir-se um sino tocar a rebate.)* **PRINCIPAL SOUSA** *(Do púlpito)*

Os tambores entram em fanfarra e o palco enche-se de soldados.	Meus filhos, meus filhos, a Pátria está em perigo! Os inimigos de Deus preparam, na sombra, a ruína dos vossos lares, a violação das vossas filhas, a morte d'el-rei! **D. MIGUEL** Portugueses: a hora não é para contemplações! Sacrifiquemos tudo, mesmo as nossas consciências, no altar da Pátria. **PRINCIPAL SOUSA** Morte aos inimigos de Cristo! **D. MIGUEL** Morte ao traidor Gomes Freire d'Andrade! *(Apagam-se todas as luzes. As personagens ficam na penumbra agitando os braços* e *erguendo bandeiras no ar. Durante um espaço de tempo muito curto, ouvem-se os sinos* e *os tambores.)* **CAIO PANO**

	ACTO II *Ao abrir o pano a cena está às escuras. Uma única personagem, intensamente iluminada, encontra-se à frente* e *ao centro do palco. É o popular que deu início ao primeiro acto.* **MANUEL**
O segundo acto começa precisamente como o primeiro. Os actores devem ocupar no início deste acto as mesmas posições que ocupavam no primeiro, a fim de os espectadores compreenderem não se tratar esta semelhança dum acidente ocasional.	Que posso eu fazer? Sim, que posso eu fazer? *(Dá dois passos* em *direcção ao fundo do palco. Detém-se)* Sempre que há uma esperança os tambores abafam-lhe a voz.... Sempre que alguém grita os sinos tocam a rebate... *(Pausa)* E cai-nos tudo em cima: o rei, a polícia, a fome... *(Levanta os braços ao alto)* Até Deus! *(Deixa cair os braços num gesto de desânimo)* E ficamos pior do que estávamos... Se tínhamos fome e esperança, ficamos só com fome... Se, durante uns tempos, acreditámos em nós próprios, voltamos a não acreditar em nada... *(Num tom de voz humilde e trémulo)*
Manuel representa agora, e quase simultaneamente, dois papéis. Quando passa dum para o outro, os seus gestos devem ser rápidos e enérgicos para que o público compreenda o que se está passando.	Uma esmola por alma de quem lá tem, meu senhor... Também sou homem, também tenho fome, filhos que queria ver homens, olhos para ver o luar, voz para dizer o que sinto, costas que morro a vergar... Uma esmola por alma de quem lá tem, senhor... *(Estende a mão. Num gesto brusco toma a*

	posição do indivíduo a quem estava a falar. Assume uma atitude nobre. Torna-se duro e ríspido) Tome lá cinco réis, homenzinho, e cale-se. Não me toque! Estenda a mão... vá! E deixe-se de lamúrias! Não é preciso que me ensine os meus deveres de cristão; eu amo o próximo como a mim mesmo. *(Faz* o *gesto de quem deixa cair uma moeda na mão dum pobre)* Afaste-se! Deixe-me passar. *(Dum salto volta à sua posição inicial, estende a mão e adopta, novamente,* o *tom de voz anterior?* Muito obrigado, meu senhor! *(Faz uma vénia)* Muito obrigado, meu senhor, pelo favor de me amardes como a vós mesmo. *(Finge examinar a moeda imaginária que acaba de receber)*
Fala com ironia, mas a frase deve ser proferida de forma a compreender-se que ainda a dirige à personagem que se afasta.	No Dia do Juízo, Deus Nosso Senhor levar-vos-á em conta estes cinco réis... *(Faz uma nova vénia* e *fica todo inclinado para a frente, seguindo com os olhos a personagem imaginária que se afasta. Por fim, endireita-se* e *fica parado, no palco,* em *atitude de meditação)*
Agora, fala sozinho e o seu tom de voz é, portanto, o habitual.	Esta madrugada prenderam Gomes Freire... Levaram-no, escoltado, para S. Julião da Barra. Já de lá não sai vivo! *(Para o palco)* Que mais sabem vocês da prisão do general? *Ilumina-se o fundo do palco, que se encontra repleto de gente do povo disposta exactamente como para a cena de abertura do 7.0 acta.* **1° POPULAR**

	Do general? *(Ri-se)* Homem, vossemecê anda atrasado! **2° POPULAR** Passaram toda a noite a prender gente por essa cidade... **3° POPULAR** *(Falando da outra extremidade do palco)* Os quartéis ainda estão de prevenção, e lá para os lados do Rato são mais os soldados do que as pedras... **O ANTIGO SOLDADO** *(Visivelmente acabrunhado)* Prenderam o general... Para nós, a noite ainda ficou mais escura... **1° POPULAR**
O tom é profético e a voz triste.	É por pouco tempo, amigo. Espera pelo clarão das fogueiras... **O ANTIGO SOLDADO**
A pergunta deve ficar como que suspensa no espaço durante uns segundos, de forma a que a entrada dos polícias pareça responder-lhe.	E agora? *(Ninguém responde. Pela direita do palco entram os dois polícias.)* **1° POLÍCIA** *(Como que espantado por ver tanta gente reunida)* Olhem para isto! **2° POLÍCIA** Daqui para *fora!* Vá: todos daqui para *fora!*

	Então vocês não sabem que estão proibidos os ajuntamentos? *(O povo levanta-se e começa a abandonar o palco sem pressa.)*
Perderam a alma. Dir-se-ia que a *prisão* de Gomes Freire lhes tirou a vontade de *viver*.	**MANUEL** Ajuntamentos só nas cadeias, não é?
Já a caminho de sair *do* palco.	**1° POLÍCIA** *Toca* a andar, e nada de perguntas! ***1°* POPULAR** Posso *dormir* com a minha mulher ou também formamos um ajuntamento? **2° POLÍCIA** *(Para o colega)* Não lhe respondas! *(Para o povo)* É andar e depressa, ou vão ver o que lhes acontece! *(Saem todos, uns pela direita* e *outros pela esquerda.* *A iluminação do fundo desaparece gradualmente. Manuel* e *Rito ficam para trás* e *conversam à frente* e *ao centro do palco.)* **MANUEL** E eu na descarga das barcaças, todo o dia sem saber de nada!

	RITA
Relata o facto com certa emoção.	Eu vi o general sair de casa. Arrombaram-lhe as portas e nem lhe deram tempo de vestir-se. Só conseguiu calçar as botas à saída.
	(Pausa)
Há desespero e revolta no tom de voz de Rita.	A mulher ficou a chorar até de manhã. Passei-lhe à porta e ouvi-a soluçar. Deu-me vontade de fugir, de largar a acorrer por essas ruas fora e de me deitar ao Tejo!
O gesto é espontâneo e ditado por um impulso súbito que Manuel mostra compreender passando a mão pelos cabelos da mulher.	*(Dum salto agarra-se ao pescoço do marido)* Nunca de metas nestas coisas, Manuel! Haja o que houver, nunca te metas com eles. Prefiro ver-te com fome, a perder-te.
	(Pausa)
	Como ela chorava, santo Deus! Parecia um animal ferido a ganir à beira duma estrada...
	(Entra o 1º *polícia.)*
	1° POLÍCIA
	Então? Não ouviram as minhas ordens?
	(O *polícia sai. Rita* e *Manuel seguem-no.)*
	RITA
	Parece que ainda a estou a ouvir...
	(Rita sai. Surge, a meio do palco, intensamente iluminada e *sentada numa cadeira tosca, Matilde de Melo - uma mulher de meia-idade, vestida de negro* e *desgrenhada.)*
	MATILDE
Está a falar sozinha. Já o estava, possivelmente, antes de surgir no palco.	Ensina-se-lhes que sejam valentes, para um dia virem a ser julgados por covardes! Ensina-se-lhes que sejam justos, para viverem num Mundo em que reina a injustiça! Ensina-se-lhes que sejam leais, para que a lealdade, um dia, os leve à forca!

	(Levanta-se) Não seria mais humano, mais honesto, ensiná-los, de pequeninos, a viverem em paz com a hipocrisia do mundo? *(Pausa)* Quem é mais feliz: o que luta por uma vida digna e acaba na forca, ou o que vive em paz com a sua inconsciência e acaba respeitado por todos? *(Encaminha-se para uma cómoda velha que surge, iluminada, à sua esquerda)*
Fala com rancor.	Se o meu filho fosse vivo, havia de fazer dele um homem de bem, desses que vão ao teatro e a tudo assistem, com sorrisos alarves, fingindo nada terem a ver com o que se passa em cena! *(Pausa)*
Fala com determinação. Está a tentar convencer-se a si mesma.	Havia de lhe ensinar a mentir, a cuidar mais do fato que da consciência e da bolsa do que da alma. *(Abre uma gaveta da cómoda* e *tira dela um uniforme velho de Comes Freire)* Se o meu filho fosse vivo... Havia de morrer de velhice e de gordura, com a consciência tranquila e o peito a abarrotar de medalhas! *(Coloca o uniforme de Comes Freire sobre a cadeira)*
Olha para o uniforme dando a entender que já não estava a falar do filho, mas do próprio Gomes Freire.	Tudo isso o meu homem poderia ter tido... *(Acaricia o uniforme)* Se tivesse sido menos homem... *(Pausa)* Podíamos estar, agora, aqui, ouvindo os pregões que soam a cantigas, lá fora, na rua... *(Pausa)* Abríamos a janela ao sol da manhã e aquecíamo-

	nos os dois... *(Pausa)* Ele dava-me a mão, eu dava-lhe a minha, e ficavamos, para aqui, a conversar... Falávamos das batalhas em que ele andou... Relembrávamos o nosso hotel de Paris... os passeios que dávamos ao longo do Sena... os dias felizes que passámos juntos... o tempo em que sonhávamos voltar a esta malfadada terra... *(Passa a mão pelo uniforme com ternura)* Podíamos viver aqui esquecidos dessa gente que o odeia. *(Encaminha-se para a esquerda do palco)* Era tão fácil... Tão mais fácil que tudo isto... *(Faz o gesto que fecha uma janela)* Fechávamos as janelas. Trancávamos a porta. Era como se estivéssemos outra vez lá fora, longe das intrigas mesquinhas em que esta gente se perde e perde a vida... *(Pausa)* Mas não pode ser e, agora estou sozinha. Sozinha e rodeada de inimigos numa terra hostil a tudo o que é grande, numa terra onde só cortam as árvores para que não façam sombra aos arbustos... *(Começa a chorar)*
A partir desta frase a entoação torna-se vigorosa e, até, violen*ta.*	Tenho o corpo no Rato e a alma em S. Julião da Barra, mas enquanto houver vida nestas pernas cansadas... e força nestas mãos que Deus me deu... *(Endireita-se. Parece crescer no palco)* Enquanto tiver voz para gritar... Baterei a todas as portas, clamarei por toda a parte, mendigarei, se for preciso, a vida daquele a quem devo a minha!

	(Cai de joelhos, com os braços em *torno da cadeira* e, *soluçando, enterra a cabeça no uniforme de Gomes Freire. Pela esquerda do palco surge António de Sousa Falcão.)* **SOUSA FALCÃO**
António de Sousa Falcão foi o amigo inseparável de Matilde e de Gomes Freire.	Matilde: não sei o que lhe diga, nem sei o que pense. Só sei que tenho o coração dilacerado, apesar de saber, há anos, que tudo isto tinha de acontecer. *(Pausa)*
Com desânimo.	O Reino caiu nas mãos duma gente mesquinha que chama alma ao estômago e que eleva regulamentos policiais à categoria de princípios sagrados... Eu bem lhes dizia que não voltassem!... Matilde: sempre que chega alguém de fora, abalam os alicerces do Reino! Os reis do Rossio vivem no pavor de toda e qualquer pessoa capaz de gritar que eles vão nus. **MATILDE** *(Erguendo o rosto)* António: você, que foi sempre o seu maior amigo e que o conhece há anos, sabe que ele não gritava. Olhe que nem saía de casa, com medo que o povo o aclamasse. Juro-lhe que nunca conspirou! **SOUSA FALCÃO**
O desânimo de António é evidente. Pode exteriorizar-se pelos ombros descaídos e pelos braços pendentes.	A sua vida inteira foi uma conspiração permanente contra o que esta gente representa! **MATILDE** Deus não permitirá que lhe façam mal! **SOUSA FALCÃO** Deus!? Esta gente concebeu um Deus à sua imagem e semelhança!... O Deus deste Reino é um fidalgo respeitável que trata como amigo a Pôncio Pilatos.

	(Caminha em *direcção a Matilde)* Vive num solar brasonado e dá esmolas, ao domingo, por amor de Deus. *(Estava junto* de *Matilde)* Anda tão habituado a pisar tapetes, que lhe inchariam os pés se tivesse de voltar às estradas da Galileia! O Deus deste Reino, Matilde, não quer ouvir falar de Deus, e quando alguém lhe pergunta como se perdeu pelo caminho, entra em explicações tão profundas e tão complicadas, que só ele as entende… **Matilde** (*Levantando-se*) Então, António, terei de recorrer aos homens. **Sousa Falcão** Neste Reino, os homens fizeram Deus à sua imagem e semelhança e, depois, fizeram-se à imagem e semelhança desse Deus. **Matilde** Hão-se ouvir-me **Sousa Falcão**
Com tristeza.	Eles só têm ouvidos para a sua própria voz! (*Matilde dirige-se à cómoda e, enquanto fala, tira duma gaveta um xaile que põe à volta dos ombros*). Matilde Serei, então, a voz da sua consciência. Ninguém consegue viver sem ouvir a voz da consciência, António. **SOUSA FALCÃO** E eu vou saber dele. Ainda que sem esperança, vou fingir que a tenho. Isso devo-lhe a ele e devo-me a mim. Vamos.

	MATIIDE *(Apoiando-se no braço de Sousa Falcão)* Que estará ele fazendo a esta hora, fechado numa cela em S. Julião da Barra? Adivinho-lhe os gestos e os pensamentos. Está preocupado por minha causa. Sabe que nunca o deixei sozinho e a maior das suas dores é o conhecimento que tem da minha dor. **SOUSA FALCÃO** *(Com ternura)* Todos somos chamados, pelo menos uma vez, a desempenhar um papel que nos supera. É nesse momento que justificamos o resto da vida, perdida no desempenho de pequenos papéis indignos do que somos. Chegou a nossa hora, Matilde. Vamos. *(Avançam para a frente do palco enquanto desaparece gradualmente a luz que iluminava a cómoda* e *a cadeira. A meio caminho, António de Sousa Falcão afasta-se* e *sai pela esquerda. Matilde fica isolada ao centro,* e *à frente do palco.)* **MATILDE**
Não há nada de heróico neste monólogo de Matilde. Todo ele é triste, dolorosamente triste	Na esteira do meu homem percorri, sozinha, metade das estradas da Europa, e nunca me senti tão só como hoje... Quero defender tudo o que tenho e não sei por onde hei-de começar... É o destino de todas as mulheres. Temos um filho, queremos superar-nos através dele, fazer que ele seja alguém e não sabemos por onde começar... *(Pausa)* Chega-nos o homem a casa, farto das batalhas do dia-a-dia, cansado de morrer aos poucos - queremos fazê-lo renascer, chegar com a nossa ternura ao fundo do seu coração, e não sabemos por onde começar...

	(Pausa) Despertamos a meio da noite, damos com o nosso homem, acordado, com os olhos postos sabe-se lá em quê, queremos dar-lhe a mão, ver o que ele vê, e não sabemos por onde começar... *(Pausa)* Um dia, encontramos o nosso homem a sonhar um outro mundo - sabemos que esse sonho põe termo à paz que tanto desejamos, e, mesmo assim, queremos dizer-lhe que siga o seu caminho, que iremos com ele até ao fim, mas não sabemos por onde começar... Mas é preciso começar! Estivesse eu em S. Julião da Barra, e já ele teria dado a sua vida por mim. *(Pausa)*
Fala com simplicidade.	Vou enfrentá-los. É o que ele faria se aqui estivesse e - quem sabe? - talvez Deus me oiça. Ele há-de ouvir alguém. *(Sente-se que toma uma decisão. Lentamente num gesto ponderado, vira-se para* o *palco)*
O nome é proferido em tom de quem chama pelo marechal.	William Beresford! *(Beresford surge, de braços cruzados, ao fundo e à direita do palco)*
Apresenta-se com siplicidade, mas com orgulho. Sabe que Beresford odeia Gomes Freire e, embora isso a não impeça de o procurar, não deseja que Gomes Freire saia humilhado desta conversa.	Sou Matilde de Meio, natural de Seia, uma terra tão pobre e tão pequena que o senhor, decerto nunca ouviu falar dela. Fui criada entre árvores e penhascos, naquela pobreza que os ricos designam por santa e que os pobres amaldiçoam. Ensinaram-me, de pequena, a amar a Deus sobre todas as coisas. ... *(Pausa)* Foi-me fácil fazê-lo, não por ter aprendido a grandeza de Deus, mas por me ter apercebido da pequenez das coisas. *(Pausa)*

	Fui crescendo. Tornei-me mulher, casei e quase morri aperreada entre paredes sem janelas donde se visse o mundo. *(Pausa)* Cheguei a crer que o mundo era a minha aldeia, que Deus era irmão d'el-rei e que as más colheitas eram consequência dos pecados humanos... *(Pausa)*
Com esta pausa, Matilde separa nitidamente os dois períodos da sua vida. Fala rapidamente com entusiasmo.	Um dia entrou um homem na minha vida. Entrou de tal forma, senhor, que tomou posse dela. À minha volta começaram a ruir paredes. As coisas, tal como ele as via e mas mostrava, começaram, de repente, a perder a sua pequenez e cheguei a Deus, senhor, cheguei a Deus, por compreender a grandeza da sua obra! *(Pausa)* Dei-lhe tudo o que tinha: o corpo, que apesar de esposado estava mais seco do que um poço no fim do Verão, a alma, que, de tão aperreada, nunca chegara a desabrochar. Vivi com ele os anos mais felizes da minha vida. Olhando para trás, parece-me que nunca conheci outro viver. Se alguém teve tudo, esse alguém fui eu. *(Pausa)* Sou a mulher do general Gomes Freire d'Andrade.
Beresford nem toma o país nem as suas instituições a sério e o seu tom é permanentemente zombeteiro.	**BERESFORD** E que pretende de mim? **MATILDE** O que a sua mulher pretenderia, se o amasse, e se o senhor fosse preso na sua terra por um português promovido a comandante supremo do exército britânico. **BERESFORD** *(Francamente irónico)*

	Parece-lhe verosímil tal hipótese? **MATILDE** Mentiria se lhe respondesse afirmativamente. Os homens, porém, não se podem medir pela força dos exércitos que servem, mas pelos motivos que os levam a servi-los. O meu homem nunca quis saber quantos soldados tinha atrás de si e, se alguma vez olhou para trás, foi apenas para me ver. **BERESFORD** *(Trocista)* Vem, então, pedir-me clemência?
O facto de ser procurado por Matilde diverte o marechal.	**MATILDE** Venho pedir-lhe que o liberte. É-me indiferente que o faça por favor, por clemência ou por qualquer outro motivo. Às mulheres, senhor, pouco interessa a justiça das causas que levam os seus homens a afastar-se delas. A injustiça e a tirania, só as sente quem anda na rua, quem é homem ou quer ser homem. *(Pausa)*
Estas afirmações são proferidas em tom de desafio, até porque não correspondem à verdade. Matilde, ao fazê-las, está a desafiar a sua própria consciência.	Que me importa, a mim, que o rei seja tirano e o país miserável e mal governado? Que me importa que as cadeias estejam cheias, o exército por pagar e o povo a morrer de fome? *(Pausa)* Quero o meu homem! Quero o meu homem aqui, ao meu lado! Quero acabar os meus dias em paz! *(Pausa: domina-se)* As mulheres, Sr. Marechal, estão sempre dispostas a colaborar com a tirania para conservarem os maridos em casa.

O inimigo de Beresford é sempre, e só, Gomes Freire. Se o conseguir humilhar através da mulher, tanto melhor.	*(Pausa)* Se não fosse o que lhe digo, já não haveria reis por essa Europa fora... **BERESFORD** *(Rindo-se)* O que diria o general Gomes Freire se a ouvisse falar? **MATILDE** *(Envergonhada)* Prefiro não saber. **BERESFORD** Vende-lhe, assim, a honra para o salvar? **MATILDE** É a minha que vendo e não a dele. **BERESFORD** E porque pensa que devo fazer o que pede? **MATILDE** Porque é o comandante do exército, governador do Reino e... porque sabe que ele não cometeu qualquer crime. **BERESFORD** A simples existência de certos homens é já um crime. *(Começam a ouvir-se sinos ao longe.)* **MATILDE**

	(Exaltada) Porque dizem a verdade? Porque vêem para além da cortina de hipocrisia com que os poderosos escondem a defesa dos seus interesses? (O *ruído dos sinos aumenta de intensidade)* **BERESFORD** *(Sorrindo)* Porque... são incómodos, minha se **MATILDE** *(Com amargura)* É incómodo todo aquele que não confunde a vontade de Deus com a vontade do rei. . . *(Pausa)* Ou que vê para além das medalhas que usais no peito... *(Pausa)* Ou que olha para vós de frente, e sorri... **BERESFORD** *(Com ironia)* Ou que, devendo, por nascimento e posição, defender certos interesses, defende outros... É o caso do general, minha senhora. *(Ouve-se, fora do palco, o murmúrio de vozes humanas.)* **MATILDE** Que vão fazer dele, Sr. Marechal? **BERESFORD** *(Abrindo os braços para exprimir a sua impossibilidade de responder à pergunta)*

	Julgá-lo e... fazer justiça! **MATILDE** *(Com desespero e como quem pensa pela primeira vez na hipótese)* Querem matá-lo! diga-me, Sr. Marechal, por amor de Deus diga-me: querem matá-lo? *(As vozes aproximam-se do palco. Ouve-se, nitidamente, falar latim.)* **BERESFORD** Ninguém lhe pode responder a essa pergunta. São os acontecimentos que geram os acontecimentos e... *(Entra no palco um padre seguido dum sacristão tocando uma campainha e de alguns populares. Começa a juntar-se gente à sua volta.)* **MATILDE** *(Exaltadíssima)* Não o matem, Sr. Marechal! Mandem-no para a guerra, deixem-no morrer como um homem, batendo-se com os inimigos que possa reconhecer! *(Levanta os braços ao céu)* Senhor, se te lembras da cruz, permite que o meu homem morra de cabeça levantada! Não vos peço nada para mim. Mais: troco a minha vida pela dele! Fazei-me sofrer, matai-me torcida de dores e abandonada de todos, mas, a ele, dai-lhe uma morte que o não mate de vergonha! **PADRE** *(Lendo um papel)* Ordem dos principais da Patriarcal de Lisboa para acções de graças pela descoberta da

	conjuração *Nos Primarii Presbiteri, Et Diaconi Sanctae Lisbonensis Ecc/esiae Principales Sede Patriarchali Vacante*. Tendo chegado ao nosso conhecimento, com indubitável certeza, que houve insensatos tão temerários e atrevidos que ousaram formar o louco e detestável projecto de estabelecer um governo revolucionário e conhecendo que todo o bem nos vem de Deus, sejam quais forem os meios de que para isso se sirva, claro fica que a Ele devemos dirigir as nossas acções de graças. E por isso havemos por bem ordenar: *(Entram mais populares que se colocam entre Matilde de Melo e Beresford, escondendo este último)* Que no dia domingo, em todas as paróquias deste Patriarcado e igrejas dos Conventos Regulares, se cante, ou reze donde se não pode cantar, depois da hora de Noa, a missa votiva de Nossa Senhora, *pro Cratiorum Actione*, ajuntando-lhe, no fim, o hino *Te Deum Laudamus* com o Santíssimo Sacramento exposto; dizendo-se, igualmente, neste dia, em todas as missas, a oração *pro Cratiorum Actione*. **MATILDE** Mas eles ainda não foram julgados! Que espécie de Deus é o vosso que condena antes de ouvir? Que gente sois, senhores, que Reino é este em que tive a triste sorte de nascer? Sr. Marechal: quanto vale, para vós, a vida dum homem? (O *padre, sempre seguido do sacristão tocando uma campainha, afasta-se* e *sai pela esquerda, enquanto os populares se sentam* em *círculo no chão* e *começam a comer, Beresford responde, já de fora do palco.)* **BERESFORD** De que homem, minha senhora? **MATILDE** De qualquer homem.

Neste diálogo, os populares parecem exprimir uma indiferença total perante os acontecimentos. Embora mais tarde esta impressão seja corrigida, aqui deve ser realçada pela lentidão com que as frases são proferidas e pelos intervalos que as separam. Sente-se, mesmo, que as frases são deliberadamente proferidas para que Matilde as oiça.	**BERESFORD** Depende do seu peso, da sua influência, das vantagens ou dos inconvenientes que, para mim, resultem da sua morte. **MATILDE** E nada mais? **BERESFORD** Não há mais nada a considerar, minha senhora. *(Matilde cobre a cara com as mãos.)* **1° POPULAR** *(Comendo)* Em dias de missa solene, as Igrejas enchem-se de gente rica. **2° POPULAR** *(Relembrando-se)* Na Páscoa, à porta da Sé, fiz o bastante para comer durante três dias. **3° POPULAR** Na Páscoa, estive em S. Domingos... *(Matilde descobre* o *rosto, observa* os *populares* em *num gesto resoluto, aproxima-se deles)* **MATILDE** Alguém aqui me conhece? *(Aponta para um)* Você, aí, sabe quem eu sou. Tenho-lhe dado esmola vezes sem conta. (O *popular a que Matilde* se *refere levanta*-se)

	Nunca me bateu à porta que não levasse do que eu tinha em casa. *(Aponta-lhe para as pernas)* Essas calças que traz vestidas, reconheço-as, fui eu que lhas dei. Eram do general Gomes Freire d'Andrade. *(De pé,* em *silêncio* e *com as mãos estendidas, o popular observa as suas calças)* Usava-as por casa, em Paris. Ainda há pouco tempo me perguntou por elas... *(Durante uns instantes ninguém fala)*
Matilde tenta levar o povo a reagir.	Sabem o que lhe aconteceu? Sabem que está em S. Julião da Barra, metido numa cela... Não sabem? Pois deviam sabê-lo! Eram vocês que o aplaudiam, na rua, quando ele passava... Eram vocês que lhe perguntavam... "Então, meu general, quando é que isto vira?" Agora pergunto-lhes eu: "quando é que isto vira?" Por quanto tempo é que o vão deixar metido numa masmorra, perdendo aos poucos a fé que tinha na gente desta terra? *(Ninguém responde durante uns segundos.)* **1° POPULAR**
Os populares recomeçam a conversar como se não tivessem ouvido Matilde. A trivialidade do diálogo é nitidamente constatada até pela lentidão com que são proferidas as palavras.	João: passa aí essa faca. **2° POPULAR** *(Passando-lhe a faca* com *que* o *outro corta uma fatia de pão)* Está cheia de ferrugem. Não a limpo há mais dum mês. **1° POPULAR** Para o pão, serve. **O ANTIGO SOLDADO** *(Espreguiçando-se)*

	São horas de me ir indo. Por onde andam as patrulhas? Alguém sabe? **2° POPULAR** Para os lados do Rato. Vai pelas quintas, que ninguém dá contigo. **MATILDE**
O desespero de Matilde perante a atitude dos populares tem de ser evidente.	Ninguém me ouve? Estarão cegos e surdos para não compreenderem o que se passa à vossa volta? **1° POPULAR** *(Dando uma notícia importante de que* se *esquecera)*
Mais uma vez se revela a intenção que tem de ignorar a presença de Matilde.	Só agora me lembro duma notícia que os vai espantar. *(Ri-se)* E em que não vão acreditar! *(Ri-se)* O Vicente, lembram-se do Vicente? Foi feito chefe de polícia. Vi-o, hoje, fardado, seguido por dois esbirros! É verdade! Juro-lhes que é verdade! Olhou para mim como se nunca me tivesse visto. Estendi-lhe a mão e deu-me uma cacetada na cabeça! **2° POPULAR** Era mesmo ele? **1° POPULAR** Era ele, digo-lhes eu. Nunca me esqueço duma cara. *(Matilde, profundamente desanimada, começa a afastar-se do grupo* e *aproxima-se da esquerda do palco.)* **MANUEL**

	Não é de espantar. Deus escreve torto por linhas direitas. Não é assim que se devia dizer? *(Matilde, chorando, vai a sair pela esquerda do palco quando Manuel a chama, sem voltar a cabeça e sem fazer um gesto)*
Manuel, agora, mostra que tinha consciência da presença de Matilde e que o seu silêncio foi premeditado, como premeditada foi a sua quebra neste momento. É portanto, essencial que não esboce, sequer, o gesto de se virar para ela.	Senhora! *(Matilde estaca e volta-se para* o *grupo sem saber, ao certo, se a chamaram)* É consigo, senhora. *(Sempre sem voltar a cabeça e limpando a faca enquanto fala)* Não se vá, assim, embora, sem levar resposta. *(Matilde volta a aproximar-se do grupo, que finge não dar por ela.* Os *seus passos são curtos e tímidos. Não sabe porque a chamaram. Manuel prossegue, agora para Rita)* Arranja aí um caixote para ela, Rita. *(Rita levanta-se dum salto, vai buscar um caixote que coloca junto de Matilde e ajuda-a a sentar-se, falando ao mesmo tempo.)* **RITA** Desde aquela noite que só penso em si. Estava lá na rua quando prenderam o general. Vi-o sair de casa... Depois passei lá à porta e ouvi-a chorar... Até contei ao meu homem... *(Matilde, sentada, esconde* o *rosto nas mãos. Rita volta a sentar-se.)*
Antes de se sentar, Rita hesita e olha para Manuel como que a pedir-lhe desculpa de ter falado a Matilde	**MANUEL** *(Levanta-se* e *fala com ternura)* Todos, aqui, sabemos quem a senhora é, e nenhum de nós é cego ou surdo... *(Observa-a com atenção)*

	Há quanto tempo não come, minha senhora? *(Matilde encolhe os ombros. Manuel mete a mão num saco, procura qualquer coisas que não encontra* e *olha para os outros. Um deles levanta-se* e, *com uma maçã na mão, aproxima-se de Matilde)* Coma essa maçã, Sr. a D. Matilde. Verá que lhe faz bem. *(Matilde recusa a maçã)* Perguntou-nos, há pouco, o que íamos fazer para libertar o general.. Insinuou mesmo que éramos responsáveis pela sua prisão, já que tínhamos fé nele... Olhe apara nós, Sr. a D. Matilde. Abra bem os olhos e veja quem somos e ao que estamos reduzidos. *(Chega ao pé dum velho* e *põe-lhe as mãos sobre os ombros)* Este é tão doente que não pode pedir na rua... Para se aguentar de pé, tem de se encostar a uma parede... *(Chega junto de outro)*
Manuel revela uma grande ternura pelas pessoas que vai indicando.	Este tem dois cepos em vez de braços... *(Ri-se com amargura)* São a sua fortuna... Ganha o pão exibindo-se, em chaga, pelas feiras... *(Pausa)* Há aqui quem faça de parvo para fazer rir os outros... *(Imita um atrasado mental)* Sabemos, desde miúdos, que a doença, a miséria e a dor fazem rir os mais afortunados... *(Olha fixamente para Matilde)*

	(Olha fixamente para Matilde)
A frase tem o tom duma acusação.	*A senhora, hoje, veio ter connosco porque não sabia para onde se havia de voltar….* *(Pausa)*
Gesticula a falar.	*Mas nós passamos a vida inteira a ir ter convosco porque também temos a quem recorrer! E que nos dão, senhores, que nos dão quando lhes batemos às portas no Inverno, com os filhos embrulhados em trapos, tão cheios duma fome que o pão, só por si, nãos satisfaz?* *(Pausa)* *Cinco reis, senhores! Dão-nos cinco reis ou* dizem-nos que tenhamos paciência! *(mete a mão* no *bolso* e *tira uma moeda)* Rita!
Fica de braços cruzados e de costas voltadas para Matilde.	*(Rita levanta-se* e *aproxima-se. Manuel entrega-lhe uma moeda)* Dá isto à Srª D. Matilde e manda-a embora. Se ela voltar, diz-lhe que tenha paciência. Não queremos pobres à nossa porta! *(Para o povo)* Quando precisamos deles, dão-nos cinco réis! Quando precisam de nós, pedem-nos a vida! *(Cada vez mais excitado)* Se há guerra, se temos o inimigo à porta "Aqui d'el rei" que a terra é de todos e todos a temos que defender, mas, batido o inimigo, chegada a época das colheitas, quando se trata de comer os frutos da tal terra que é de todos, então não! Então a terra já é só deles! *(Cala-se, visivelmente cansado,* e *deixa cair a cabeça sobre o peito. Durante uns segundos ninguém fala)* Rita! *(Rita, que se conserva acabrunhada com a*

	moeda na *mão, faz* um *gesto indicativo* de *que o está a ouvir)* Não lhe dês a moeda. *(Para Matilde, depois duma pausa)*
Vira-se lentamente e encara Matilde.	Desculpe o modo como a tratei. A senhora não merece as palavras que proferi, mas eu também não mereço tê-las proferido... Veja como andamos ambos perdidos e afastados do que somos e do que deveríamos ser! *(Olha para o céu)*
Adivinha-se em Manuel o sonhador que se domina e que raras vezes se dá ao luxo de sonhar.	Vem aí a madrugada... *(Respira fundo, enchendo o pulmões de ar)* O céu está carregado de estrelas e o ar tão puro, que só de cheirá-lo nos sentimos outros! *(Pausa)*
A frase é proferida com entusiasmo.	Ah! Senhora, se o general estivesse esta noite aqui, levava-nos com ele até ao fim do mundo! *(Pausa)*
Descreve uma visão que o fascina. Será a primeira vez que a tem?	Que estranho exército não formaríamos! Rotos, coxos, sem armas e sem tambores, a abarrotar de fé, deixaríamos atrás de nós um rasto de sangue que nem as chuvas do Inverno lavariam das estradas: um rasto do nosso próprio sangue, senhora, do sangue das nossas feridas, dos nossos pés cansados, das nossas almas vazias... *(Pausa)*
Volta repentinamente à realidade. A quebra é súbita, inesperada.	Mas o general está preso em S. Julião da Barra e nós... estamos presos à nossa miséria, ao nosso medo, à nossa ignorância." *(Pausa)* Não a podemos ajudar, senhora. Deus não nos deu nozes e os homens tiraram-nos os dentes... *(Sorri)* Não temos dentes nem nozes.

O tom é profético e triste. Manuel como que pede desculpa do que diz.	*(Matilde, que já chegou à frente do palco, detém-se e volta-se para Rito)* Amanhã, quando começarem a agradecer a Deus a prisão do general, estaremos à porta das igrejas pedindo esmola... *(Pausa)* Depois de amanhã, senhora, estaremos arrefecendo as almas ao calor das fogueiras... Até havemos de aplaudir". *(Pausa)* Não nos leve a mal, senhora, a culpa não é nossa.. . *(Matilde, que já chegou à frente do palco, detém-se e volta-se para Rito)* **MATILDE** A minha moeda, Rita! *(Rita hesita* e *olha para Manuel)* **MANUEL** *(Para Rita)*
Depois duma breve hesitação.	Dá-lha, mulher. *(Para Matilde)* Não é uma esmola. Dou-lha para que a use ao peito, como uma medalha. Tivesse eu mais, e dava-lhe trinta - as trinta moedas por que se vende a alma. Quem as pague ou as receba, perde o direito à esperança, senhora. *(Rita entrega a moeda a Matilde. Num gesto impulsivo, beija-a* e *corre a juntar-se aos seus. A luz que iluminava* o *povo apaga-se gradualmente* e *apenas Matilde permanece iluminada. António de Sousa Falcão surge pela direita do palco.)* **SOUSA FALCÃO** *(Entra no palco já a falar)*

	Matilde: em pouca conta a teria se lhe ocultasse a verdade. Quem acompanhou a Gomes Freire em todas as lutas da sua vida tem direito a estar presente até ao fim e a assistir, de pé, à sua derradeira batalha. **MATILDE** Que novas traz, António? **SOUSA FALCÃO** Tantas e tão más, que se me aperta o coração só de pensar nelas. **MATILDE** *(Com grande ansiedade)* Deixam-me vê-lo? Diga que me deixam vê-lo! **SOUSA FALCÃO** Não lhe posso ocultar nada, Matilde. Não autorizam que ninguém o veja. **MATILDE**
O relato é feito em tom monótono.	Como é possível que os outros todos possam falar com quem querem e só ele seja privado de ver os seus parentes e os seus melhores amigos? **SOUSA FALCÃO** Ao chegar a S. Julião da Barra, meteram-no logo numa masmorra e aí ficou todo o dia, às escuras, até que, ao cair da noite, uns oficiais lhe mandaram uma enxerga e duas mantas por piedade... Só ao fim de seis dias lhe abonaram dinheiro para comer. *(Matilde, de mãos postas, angustiada, cai de joelhos* Adoeceu, chamaram um médico que entendeu provir a doença de o não deixarem barbear-se. O comandante do forte pediu autorização para

	comprar navalhas de segurança. Não lha concederam...
	MATILDE
	(Grita)
A ira supera o espanto.	Mas que gente é esta?!
	SOUSA FALCÃO
Sousa Falcão continua no tom anterior. Dir-se-ia que não ouviu Matilde.	O comandante do forte prontificou-se a estar presente quando o barbeassem. Não o autorizaram. Pediu a demissão. Recusaram-lha. Comunicou com Beresford e logo D. Miguel Pereira Forjaz escreveu ao marechal estranhando que ele comunicasse com um preso de estado.
	(Sousa Falcão aproxima-se de Matilde e *ajuda-a a levantar-se)*
	Não lhe permitiram que escolhesse um advogado e nomearam-lhe um que já tem a seu cargo a defesa de 12 presos.
	(Matilde vagueia no palco ao acaso)
	MATILDE
	(A voz é *angustiada)*
	O meu homem! O meu homem, que nunca lutou com gente desta... metido numa masmorra, ele, que se bateu sempre em campo aberto... Preso *como* um cão...
	(Começa a chorar)
Fala mais baixo. A evocação do passado aumenta-lhe a tristeza.	Ninguém trata dele... para ali, sozinho, abandonado... Era eu que lhe cuidava da roupa, sabia, António? E que lhe preparava *os* pratos de que mais gostava...
	SOUSA FALCÃO
Quase a chorar.	Matilde...
	MATILDE

	Era capaz de comer galinha todos *os* dias, mas não gostava de canja. Gostava dela assada, no forno... **SOUSA FALCÃO** *(Em voz muito baixa)* Matilde... **MATILDE** Mas era raro comê-la. Às vezes nem dinheiro tínhamos para *o* pão... *(Levantando o rosto* e *olhando para Sousa Falcão)* A nossa vida não foi fácil… Um dia - lembro-me tão bem" - vendeu duas medalhas, em Paris, porque não tínhamos um vintém em casa... *(Sorri)* Sabe o que ele fez com o dinheiro? Comprou-me uma saia verde. Disse-me que era para quando voltássemos a Portugal... *(Pausa)* Foi no Inverno. Caía neve. *(Pausa)* Nunca a vesti... *(Encolhe os ombros)* Nunca calhou, não sei porquê... **SOUSA FALCÃO** Oiça, minha amiga... **MATILDE**
Há nestas frases de Matilde uma alegria especial, a alegria que provém de estar revivendo tempos felizes que já passaram.	
É quase infantil ao tentar convencer-se de que voltará a ver o general.	Talvez a vista no dia em que ele sair do forte, para o receber, quando chegar a casa - a minha saia verde...

	Que acha, António? Acha que a vista nesse dia?
	SOUSA FALCÃO
	(Com voz tremente)
	É uma boa ideia, Matilde. Julgo que lhe dará uma grande alegria...
	MATILDE
	E asso-lhe uma galinha, no forno, como ele gosta...
	SOUSA FALCÃO
	Sim, Matilde.
	MATILDE
	- *(Depois duns instantes de silêncio)*
Regressa à realidade. O seu tom tem a tristeza de quem sabe que não há esperança possível.	Não sei como agradecer-lhe tudo o que foi para nós, António: o amigo das coisas importantes e das pequenas coisas - essas pequenas coisas que só os verdadeiros amigos compreendem. Assistiu à morte do nosso filho e... agora, finge acreditar que vou ter ocasião de vestir a saia verde! Ainda que o não creia, fico-lhe igualmente grata por ambas as coisas.
	(Afasta-se. Fica de costas para Sousa Falcão)
	Ambos sabemos que ele não sairá vivo de S. Julião da Barra. Não o podem deixar sair, António. Onde quer que o encontrassem lembrar-se-iam do que são, e nenhum deles pode correr o risco de encontrar a sua própria consciência ao dobrar uma esquina.
	SOUSA FALCÃO
	Talvez ainda haja esperança...
1Faz um gesto largo: todo o homem está	**MATIIDE** Obrigado, meu amigo. Obrigado por ma querer

Ipermanentemente a ser julgado. I I Todo o desespero reprimido desde a prisão de Gomes Freire vem à superfície. Corre para o fundo do palco como se tivesse endoidecido.	dar, mas não: nesta terra, a esperança é uma palavra vã. *(Pausa)* Eu é que tenho de continuar como se a tivesse. Sou a mulher dele, António... e ele... é o meu homem. Enquanto nos não matarem, aquele de nós que estiver livre tem de lutar. **SOUSA FALCÃO** Mas como, Matilde? Como é que se pode lutar contra a noite? **MATIIDE** Vamos falar com o D. Miguel Forjaz. **SOUSA FALCÃO** Nem nos receberá! Conheço-o há muitos anos. É frio, desumano e calculista. Odeia Gomes Freire com um ódio que vem de longe, Diz por dizer. Sabe que não há nada a fazer. mas não deseja reconhecê-lo em frente de Matilde. Com a energia possível a quem chegou ao fim das suas forças. Lembre-se de que são primos, e antigos camaradas de armas... Um é franco, aberto, leal. O outro é a personificação de mediocrida de consciente e rancorosa. Gomes Freire perdoaria a D. Miguel Forjaz, mas D. Miguel Forjaz vai enforcar Gomes Freire. É inútil bater-lhe à porta. **MATIIDE** Um cristão não fecha assim a porta a uma desgraçada que lhe vem pedir pela vida do seu homem... tem de me ouvir. **SOUSA FALCÃO**

	(Com azedume) D. Miguel é um cristão de domingo, Matilde. Pode estar certa de que todos os dias dá, a um pobre, pão que lhe baste para se conservar vivo até morrer de fome... **MATIIDE** Mas temos de ir, António. **SOUSA FAICAO** Não nos receberá. **MATIIDE** Nesse caso iremos para que não nos receba. *(Como quem faz uma descoberta)* E isso mesmo, António! Iremos para que não nos receba. *(Pega no braço de Sousa Falcão e dirigem-se ambos para o centro do palco. Detêm-se a meio caminho. Vindo do fundo, surge um criado, de libré, que se coloca à frente deles)* Diga ao Sr. Governador que lhe pedem audiência Matilde de Meio e António de Sousa Falcão. *(Matilde continua para Sousa Falcão, enquanto o criado se afasta, e como que alucinada)* É preciso que os homens se definam para que possam ser julgados. É preciso que ele não nos receba - é a nossa oportunidade de o obrigar a definir-se, de o colocar no banco dos réus, para que o juiz o possa julgar... **SOUSA FALCÃO** *(Com desânimo)* Que juiz? **MATILDE**

	Eu, O Gomes Freire, o criado, ele próprio, a vida... **CRIADO** *(Reaparecendo)* Sua Ex.a não recebe amantes de traidores e amigos dos inimigos d'el-rei. **SOUSA FALCÃO** *(Desvairado, corre para o fundo do palco)* Cão! Covarde! Assassino! Pega na espada e vem bater-te como um homem! Não te escondas atrás do cargo que ocu pas! Eu sei quem tu és! (O *criado desaparece* e *Sousa Falcão segue-o, gritando, até desaparecer também)* Cão! Assassino! *(Matilde de Melo regressa à frente do palco. Vem nitidamente humilhada pela resposta do governador* e *marcada pelo sofrimento dos últimos dias.)* **MATILDE** *(Fala muito lentamente, com a voz embargada pela comoção)* Amante dum traidor... e assim acabamos a vida... Tu, que deste aos homens tudo o que tinhas e viveste de mãos abertas, acabas enforcado como rótulo de traidor. E eu... que nasci tua mulher, morro tua *(Começa a chorar)* amante! Nem me recebem, meu amor. *(Pausa)* Não querem nada connosco... *(Pausa)*

	Chegamos ao fim da vida - matam-nos e nem nos consideram dignos duma explicação... Tratam-nos assim, como se nunca tivésse mos existido... *(Abre a mão e olha para a moeda que lhe deu Manuel)* Vivemos sempre sem nada; demos tudo o que tínhamos - tu e eu -, tudo o que tínhamos, e acabamos sem nada... Até esmola me dão! *(Pega na moeda com dois dedos e observa-a)* Vês? Deram-me esta moeda. É uma das trinta moedas com que se compram e vendem as almas... Neste reino as almas não são caras, meu amor! *(Volta a observar a moeda)* Uma das trinta moedas! *(Endireita-se. Recupera parte da sua antiga energia. Como que* se *adivinha nela a mulher que acompanhou Comes Freire pelos campos de batalha da Europa. Fala para o palco)* Sr. Principal: a quanto montam os seus bens? *(Estende o braço com a moeda na mão)* Quantas moedas destas tem nos cofres da sua igreja? 30, 60, 90? *(Surge, a meio do palco, intensamente iluminado, o principal Sousa. Está vestido de gala* e *sentado na cadeira* em *que apareceu no 7.° Acta)* **PRINCIPAL SOUSA** *(Em tom paternal)* Atendendo ao estado de espírito em que se encontra, perdoo-lhe as palavras que acaba de proferir.

	Entre, minha filha, entre nesta casa, *(Faz um gesto convidativo. Depreende-se, desse gesto, que o principal está convidando Matilde a entrar num local sagrado)* onde encontrará a resignação de que tanto necessita. . . **MATIIDE** Sou amante dum traidor e mesmo os traidores têm honra, senhor! São tantas as portas que se nos fecham, que acabamos por ter medo das que se abrem à nossa frente...
o amor intenso que unia Matilde a Gomes Freire explica todas as suas reacções. Para Matilde o mundo não passava dum inimigo que os perseguia a ambos. Só adiante, no decorrer da conversa que tem com o principal Sousa, começa a tomar consciência da posição do general em relação ao que se passa no país. Tudo isto se deve depreender dos seus gestos e do seu tom de voz. o principal Sousa fala no tom de voz de quem está habituado às fraquezas humanas e sabe - pela graça de Deusdar-lhes o necessário desconto.	**PRINCIPAL SOUSA** Deus abre todas as portas... **MATILDE** *(Exaltada)* Pois que vá abrir as do forte de S. Julião da Barra, se é capaz! Que as abra de par em par, para que todos vejam quem lá está! *(Domina-se)* o senhor, como governador do Reino, mandou prender e condenar um inocente... **PRINCIPAL SOUSA** As razões do Estado.. . **MATILDE** Conheço esse argumento. Foi com ele que justificaram a condenação de Cristo! **PRINCIPAL SOUSA** *(Exaltado)*

	Aponta para fora do palco, para o forte, que nunca lhe sai do pensamento. Em tom moderador. Cale-se! Há lábios que não têm o direito de pronunciar esse nome! **MATILDE** *(Com escárnio crescente)* Os meus, bem o sei! Sou amante dum homem, e não tenho o direito de pronunciar o nome de Cristo, mas o senhor, que condena inocentes a quem aconselha resignação, *(Pausa)* que dá esmola aos pobres e condena à forca os que pretendem acabar com a pobreza/ *(Pausa)* o senhor, que condena a mentira em nome de Cristo e mente em nome do Estado, *(Pausa)* que vende Cristo todos os dias, a todas as horas, para o conservar num poder que Ele nunca qUIS, *(Pausa)* o senhor, tem o direito a pronunciar o seu nome! *(Ri com escárnio)* Diga-me: também lhe aconselha, a Ele, que se resig"Perdoa i-nos, Senhor, as nossas dívidas. Como nós perdoamos aos nossos devedores." A quantos devedores perdoou o senhor, durante a vida? *(Ri-se)* Como governador, já perdoou a Cristo o que Ele

	foi e o que Ele ensinou? *(Com amargura)* Quanto lhe deve Cristo, senhor? Já fez as contas? *(Pausa)* Pois venho aqui pedir-lhas em nome dum credor - em nome do credor Gomes Freire d'Andrade, que está lá em baixo, preso em S. Julião da Barra, aguardando que o senhor pague o que lhe deve. **PRINCIPAL SOUSA** o que lhe devo?! **MATILDE** *(Com autoridade)* Cale-se! Agora sou eu que lho ordeno! De tanto abrir a boca, taparam-se-lhe os ouvidos e de tantas vezes repetir a mesma coisa, esqueceu-se de que as palavras têm sentido e obrigam a quem as profere! A todos chega a hora de prestar contas. *(Pausa)* Ainda se lembra das palavras de seu Amo? "Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há-de odiar a um e amar o outro, ou há-de afeiçoar-se a um e desprezar o outro." O vosso credor Gomes Freire df\ndrade deseja saber a quem servis! *(Pausa)* "Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça porque deles é o reino de Deus." O vosso credor Gomes Freire df\ndrade está numa masmorra por amor da justiça e quer saber o que fizestes, senhor, para reconhecer o seu direito a esse amor! *(Pausa)*

o principal Sousa está acabrunhado. Fala, mais para interromper Matilde do que por espanto.	"Porque eu vos digo que se a vossa justiça não exceder a dos escribas e a dos fariseus, não entrareis no reino de Deus." Senhor: ainda os presos não tinham sido condenados e já nas igrejas se rezavam *Te Deum!* O vosso credor Gomes Freire d'Andrade exige que a vossa justiça exceda a dos escribas e dos fariseus! "Ouviste o que foi dito aos antigos: não matarás e quem matar será condenado em juízo," O vosso credor Gomes Freire d'Andrade vai ser morto por ordem da regência de que fazeis parte - ou será que a vossa mão direita não sabe o que faz a esquerda? *(Avança para ele)* Estou aqui a pedir-vos contas! (O *principal permanece* em *silêncio, com os olhos postos no chão. Entra pela direita o frade Jerónimo Frei Diogo de Melo* e *Meneses.)* **FREI DIOGO** Venho de confessar o general, em S. Julião da Barra. **MATILDE** *(Corre para o frade)* Como está ele? Frei Diogo, *como* está ele? Falou-lhe de mim? Que lhe disse? Por *amor* de Deus, conte-me tudo... tudo... *(Cai de joelhos* em *frente do frade)* **FREI DIOGO** Se há santos, Gomes Freire é um deles... **PRINCIPAL SOUSA** *(Paternalmente)* Tudo o que dizer a essa mulher só lhe poderá aumentar o sofrimento. Tenho estado a ouvi-la, pedindo a Deus que me dê paciência para lhe não responder. ..

	f *Felizmente Há Luar!*
	FREI DIOGO Deus veio à Terra responder a todas as perguntas, Reverência.
	PRINCIPAL SOUSA *(Com autoridade)* Há quem não esteja preparado para ouvir a palavra do Senhor.
	FREI DIOGO Talvez tenha razão, Reverência, mas não sou homem para grandes subtilezas. Se me permite, retiro-me.
o tom é de espanto. Frei Diogo continua a falar no mesmo tom de voz, como se não tivesse ouvido o principal Sousa.	*(Faz uma vénia* e *encaminha-se para a direita do palco. Antes de sair volta-se para Matilde, que permanece de joelhos,* e *fala.)* **FREI DIOGO** Ao despedir-se, o general pediu-me para a procurar, minha senhora, e para lhe dizer que tem pensado em si constantemente. Foi um grande privilégio que Deus lhe concedeu - o de viver ao lado dum homem como o general Gomes Freire.
Fica parada no palco, numa atitude que quase se poderia classificar de heróica. Esta afirmação tanto é dirigida a Matilde como ao principal Sousa.	**PRINCIPAL SOUSA** Frei Diogo! **FREI DIOGO** A misericórdia de Deus é infinita. Tão grande que os homens não a podem conceber. Haja o que houver, não julgue a Deus pelos homens que falam em Seu nome. **PRINCIPAL SOUSA** *(Levantando-se exaltadíssimo)*

	Saia! **FREI DIOGO** *(Para Matilde)*
De entrada, Matilde fala com lentidão, pesando bem as palavras.	Não faça a Deus o que os homens fizeram ao general Gomes Freire: não O julgue sem O ouvir. Deus carece cada vez mais desse direito. *(Sai pela esquerda do palco.* O *Principal Sousa fica de pé, com as pernas abertas,* em *atitude de ira. Matilde levanta-se lentamente.)* **MATIIDE** É tão grande o desprezo que tenho por si, tão infinito o meu nojo, que só por caridade não traduzo em palavras o que sinto no coração. Judas, que traiu Cristo uma vez, acabou enforcado numa figueira, mas Vossa Reverência, que O trai todos os dias, vai acabar entre os seus com todas as honras que neste Reino se concedem aos hipócritas e se negam aos justos. O meu homem vai morrer lá em baixo, junto ao mar, com o som do vento nos ouvidos, mas Vossa Reverência há-de morrer, um dia, ouvindo, por entre o latim, as suas pragas.
Estas palavras são proferidas com arrogãncia.	Alguma vez ouviu praguejar um homem, Reverência? Um homem a sério, capaz de palmilhar as estradas da Galileia? Capaz de passar 40 dias no deserto, ou 150 dias metido numa masmorra? Então oiça! *(Durante uns instantes fica parada* em *atitude de quem ouve um ruído longínquo)* Não sabe donde vêm as pragas, pois não? Tanto podem vir do Céu como de S. Julião da Barra.. . Pois há-de viver até ao fim dos seus dias sem o saber... e à medida que for envelhecendo, à medida que a sua hipocrisia se for afinando até morrer convencido de que foi cristão, o som destas pragas há-de ir aumentando de volume até lhe encher os ouvidos, até que não possa ouvir mais nada. Há-de-o ouvir no som do vento que lhe entra

Esta frase contém uma crítica ao principal. É proferida em tom de desafio. A tristeza de Sousa Falcão sente-se em todas as suas palavras e em todos os seus gestos. É a última vez que Matilde pede pela vida do general, mas este pedido representa uma quebra em relação às suas palavras anteriores. Esta atitude de Matilde, portanto, tem a natureza dum acto de desespero.	pelas janelas... no bater das portas da sua igreja... na voz das crianças que lhe pedirem esmola... Esta praga lhe rogo eu, Matilde de Meio, mulher de Gomes Freire d'Andrade, hoje 18 de Outubro de 1817. (O *principalSousa senta-se na cadeira. Ao longe, muito ao longe, começa a ouvir-se* o *murmúrio da multidão, entrecortado, de quando* em *quando, por latim)* Todos somos Cristo, Reverência, e todos começamos pela esperança de que se realize o que há de Cristo em cada um de nós. A uns mata-lhes a vida a esperança, a outros matam-na os que em seu nome falam, tendo-a já perdido... Mas há quem escape, Reverência, quem chegue ao fim da vida com o seu Cristo tão intacto como no dia em que nasceu. Esses morrem na forca ou apodrecem nas prisões, não vá a sua presença incomodar a burocracia de Deus! *(Matilde está cansada. A sua voz é trémula. Dir-se-ia que já não sabe* o *que diz. Por vezes tem dificuldade na escolha das palavras)* Há quatro dias que não me deito e que não sinto, na minha, qualquer mão amiga... Oiço-me falar mas já não sei o que digo. Quero calar-me e não posso. Se me calo, vejo-o à minha frente, sozinho, à espera de que o vão buscar... Não reza porque viveu tão perto de Deus que nem precisa de se lhe dirigir... Pensa em mim com lágrimas nos olhos e gostaria de que eu estivesse ao seu lado. Estive sempre ao seu lado e, agora, quando mais precisávamos de estar de mãos dadas, estou aqui, longe dele, só, com a saudade imensa que já sinto da sua voz... *(Cobre* o *rosto com as mãos)* Do seu corpo... *(Cai de joelhos.* O *murmúrio da multidão, que se aproxima, é cadenciado* e *regular. Adivinha-se*

	que entoam canções. Pela esquerda do palco surge António de Sousa Falcão.) SOUSA FALCÃO Os presos já vão a caminho do Campo de Sant'Ana, Matilde. Temos de partir. Do alto da serra poderemos ver a fogueira em S. Julião da Barra. É como se estivéssemos com ele até ao fim.. .
Começa por estar confusa, mas vai-se dominando gradualmente. A partir desta frase, Matilde fala com intensidade dramática.	MATILDE *(Ajoelhada, para o principal Sousa)* Salve-o... salve-o... Ainda está a tempo... um correio, a cavalo, chega lá em meia hora... Salve o meu amor, senhor, o meu amor... que é tudo o que tenho... *(Entra D. Miguel Pereira Forjaz, que fica ao lado do principal Sousa.)* D. MIGUEL Lisboa há-de cheirar toda a noite a carne assada, Excelência, e o cheiro há-de-lhes ficar na memória durante muitos anos... Sempre que pensarem em discutir as nossas ordens, lembrar-se-ão do cheiro... *(Com raiva)* É verdade que a execução se prolongará pela noite, mas felizmente há luar... **MATILDE** Os homens fizeram Deus à sua imagem e semelhança e depois fizeram-se à imagem e semelhança de Deus... Quem foi que me disse isto? Já não sei... Só sei que tenho de ir para o alto da serra com o António. Que Deus me dê forças, já que as minhas acabaram - e que Deus o salve, já que eu não posso. *(A luz que incide sobre o principal Sousa apaga-*

	se gradualmente. Surge uma cruz iluminada a meia altura do palco. Matilde fala para a cruz) Senhor: deste-me a melhor das vidas que eu poderia ter desejado. Deste-me um homem que amei e que amou, um homem que encheu todos os meus dias de felicidade e a quem fiz feliz. Não Vos pedi mais nada e, por isso, as nossas contas estão saldadas. Mas as contas do meu homem estão por fechar. Deste-lhe cinco talentos e ele transfor mou-nos em dez. Em troca, Senhor, aguardas que o matem sem dó nem piedade, depois dum tormento em que nem quero pensar. Não, Senhor, não o podes abandonar agora! Não se entrega, assim, um homem aos cães, depois duma vida de trabalhos e de canseiras, só porque a idade lhe aumentou a fome e a sede de justiça! *(Começam a entrar no palco vários populares que* se *sentam de costas para o público)* Não! Disseste um dia que quem desse de beber a um pobre Te estava dando de beber a Ti... Pois o meu homem quis saciar a fome e a sede de todos os pobres e está preso à ordem dos donos das fontes! *(Entram mais populares que* se *juntam aos primeiros)* Preso, Senhor, à espera de que os vendi lhões do templo o levem à forca! Por quem és Tu, Senhor, por Ti ou contra Ti? *(Levanta-se)* Quando vieste à Terra, com a Tua mensagem de
Trata-se duma confissão de impotência e, simultaneamente, duma crise de honestidade.	

	salvação, quem encontraste a Teu lado? *(Faz um gesto que abrange* o *povo)* Estes? *(Faz um gesto que abrange o cardeal, D. Miguel Forjaz* e os *espectadores)* Ou estes? E quem deu vida às Tuas palavras, espalhando-as pelos quatro cantos da Terra? *(Repete* o *primeiro gesto)* Estes? *(Repete* o *segundo gesto)* Ou estes? E por quem estás agora, Senhor? Pelo meu homem, que deu a vida por estes... *(Repete* o *primeiro gesto)* Ou pelos Teus inimigos de sempre? *(Matilde cai no chão inanimada. Acende-se a luz que incide sobre* o *principal Sousa, que se levanta.)* **PRINCIPAL SOUSA** Paciência, minha filha... Até Deus se resignou ao Seu destino! *(Apaga-se a luz que incide sobre Matilde de Melo* e *reacende-se a cruz)* Senhor: que hei-de eu responder? Ensinaram-me a argumentar com doutores, mas faltam-me as palavras para falar a quem não conhece os argumentos! Sinto-me como um doutor do tempo no dia em que lá entraste... (O *murmúrio do povo* e o *ruído de padres rezando* em *latim aumenta de intensidade.* O *principalSousa fica de pé com a cabeça descaída, enquanto António de Sousa Falcão corre para*
Os últimos dias destruíram Sousa Falcão. Adquiriu, todavia, uma calma e uma paz interior que nunca tivera, talvez por ter revisto a sua concepção da posição do homem no mundo.	

	junto de Matilde, a quem ajuda a levantar-se. Matilde e *Sousa Falcão saem pela esquerda do palco. Antes, porém, de sair, Matilde tira do bolso a moeda que lhe deu Manuel* e *lança-a aos pés do principal Sousa.)* **MATILDE** Tome-a. É sua! *(Para* o *céu)* Dir-se-a que profere uma sentença. Senhor: não pretendo ensinar-Te a ser Deus, mas, quando chegar a hora da sentença, não Te esqueças de que estes sabiam o que faziam! *Matílde* e *Sousa Falcão saem pela esquerda. A cena deixa de se ver* e, *muito gradualmente, apaga-se a luz que incidia sobre* o *principalSousa. Durante uns instantes ouve-se* o *latim dos padres que acompanham os presos ao Campo de Sant'Ana* e *vêem-se os populares, sentados, a meia luz. Depois, subitamente,* o *palco fica às escuras* e em *silêncio. Nesse mesmo momento, muito gradualmente, a luz volta ao palco de forma a que os presentes fiquem na penumbra.* O *povo continua sentado de costas para* o *público. À esquerda* e *a meio do palco adivinham-se os vultos de Matilde ae Meio* e *de Sousa Falcão, de pé, com os olhos postos no horizonte.* **MANUEl** *(Sentado de costas para* o *público* e *quase* em *surdina)* Pediu que o fuzilassem, como um soldado, mas recusaram-lho. 1.° **POPULAR** Cães! **MANUEl**
A partir deste momento os gestos e as palavras de Matilde são quase infantis.	Quem sai aos seus, degenera! Todos os que saem aos seus, degeneram... Eles, nós, todos.. .

Está a despedir-se do homem que amou a fá-lo com uma ternura infinita e uma dignidade que a ninguém passa despercebida. Parece observar o horizonte. Com crescente intensidade dramática.	2.° **POPULAR** Depois de o queimarem, vão-lhe atirar as cinzas ao mar... (Acende-se um foco pouco intenso que ilumina Matilde e Sousa Falcão. Matilde veste uma saia verde e Sousa Falcão está inteiramente vestido de negro.) **MATILDE** *(Com amizade)* Ele ainda está vivo, António. Não devia ter vindo de luto. Olhe: vesti a minha saia verde. Vê? **SOUSA FALCÃO** Não estou de luto por ele, Matilde, mas a noite passada não pude dormir. Passei a noite a pensar, e, de madrugada, percebi que não sou quem julgava ser... **MATILDE** É o melhor dos amigos, António. **SOUSA FALCÃO** Nem isso sou! Só é digno de ser amigo de alguém quem de si próprio é amigo, Matilde, e eu odeio-me com toda a força que me resta. Fosse eu digno da ideia que de mim mesmo tinha, e estava lá em baixo, em . Aceitou o inevitável. S. Julião da Barra, ao lado de Gomes Freire, esperando a morte... Quando os justos estão presos, só os injustos podem ficar fora das cadeias e eu, Matilde, vendi-me para estar, agora, aqui, a vê-lo morrer. As ideias de Gomes Freire são também as minhas, mas ele vai ser enforcado - e eu não. Os motivos que os governadores tiveram para prendê-lo, também os tiveram para me prenderem a mim, mas a ele prenderam-noe a

	mim não. Faltou-me sempre coragem para estar na primeira linha... Durante estes meses, duas vezes dei comigo à berma de lhe chamar louco, para desculpar a minha própria cobardia. Há homens que obrigam todos os outros homens a reverem-se por dentro... É por mim que estou de luto, Matilde! Por mim... **MATIIDE** ...lstoéofim,António... **SOUSA FALCÃO** É o fim... Quando virmos, lá em baixo, o clarão da fogueira, já ele morreu... **MATIIDE** O clarão da fogueira! Quando o virmos, já ele está aqui ao pé de nós! Foi para o receber que eu vesti a minha saia verde! *(Pausa)* Vem dizer-nos adeus, António, vem abra çar-nos pela última vez. Nunca partiu para uma batalha sem se despedir de mim e, agora, que se acabaram as batalhas, vem apertar-me contra o peito! Quer que o veja pela última vez de uniforme, o uniforme que eu o ajudava a vestir antes das batalhas... *(Pausa)* António: Sinto-o! Vem aí! *(Avança ao encontro de alguém que julga estar a chegar)* , Vem a rir, António, vem a rir como se ria antigamente! *(Pausa)* Oiço-lhe os passos... os passos do meu homem! António: Olhe!

	(Matilde avança e *abraça um ser imaginário. Ao fundo surge* o *clarão duma fogueira distante)* Juntos, meu amor, juntos por uns instantes, os últimos instantes em que estaremos juntos na Terra! Olha, meu amor, vesti a saia verde que me compraste em Paris! O António chora. *(Para* o *António)* Não chore, António. Veja como ele ri! *(Faz* o *gesto de quem abotoa* o *casaco de Comes Freire. Fala com ternura)* Esqueces-te sempre deste botão. *(Aponta para a fogueira)* Olha, meu amor, a tua glória! Vê-a bem, minha vida, porque, quando a fogueira se apagar, tens de te ir embora... Eu não vou contigo, mas verás que é por pouco tempo... Isso, pelo menos, me dará Deus... *(Ao longe* o *clarão da fogueira começa a apagar-se)* Mais uns instantes, meu amor, e voltarás a ouvir tambores! Desta vez, porém, as fanfarras serão em tua honra... Estão todos à tua espera, meu homem. *(Pausa)* Oiço-os, ao longe, a falar de ti... *(Pausa)* Olha: já estão formados! *(Pausa)* Dá-me um beijo - o último na Terra - e vai! Saberei que lá chegaste quando ouvir os tambores! *(Estende* o *pescoço* e *levanta a cabeça para receber um beijo)*

	Vai, amor da minha vida... *(Por um instante segue-o com os olhos. Depois com dignidade volta para ao pé de Sousa Falcão)* Julguei que isto era o fim e afinal é o princípio. Aquela fogueira, António, há-de incendiar esta terra! (O *clarão da fogueira diminui visivelmente)* Adeus, meu amor, adeus. Adeus! Adeus! Adeus! *(Para o povo)* Olhem bem! Limpem os olhos no clarão daquela fogueira e abram as almas ao que ela nos ensina! Até a noite foi feita para que a vísseis até ao fim... *(Pausa)* Felizmente - felizmente há luar! *(Desaparece o clarão da fogueira. Ouve-se ao longe uma fanfarra que vai num crescendo de intensidade até cair o pano.)* FIM _ *Felizmente Há Luar!* É quase **um** grito. **FIM**

<u>Actividade prática</u>

Compreender

1. Em que se baseia a obra dramática Felizmente Há Luar?
2. Por que motivo esteve interdita até 1974?
3. Sobre que temáticas chama a atenção esta obra?
4. Refere a intenção crítica do autor de Felizmente há Luar.
5. Explica o paralelismo que se pode estabelecer do ponto de vista do tempo da história e do tempo da escrita.
6. Ao longo da obra, e de forma velada, denunciam-se os males de um regime e de uma sociedade. Quais?

Actividade prática

Para compreender *Felizmente Há Luar*

Responde com clareza e de forma directa às seguintes questões:

ACTO I

1. Identifique a personagem que andou na guerra com o general Gomes Freire de Andrade e que muito o admira.

2. Explique se Gomes Freire de Andrade estava do lado do povo ou do poder, na opinião de Vicente.

3. Refira os valores em que Vicente acredita.

4. Qual o sonho/ambição de Vicente?

5. Explique os motivos que levaram Vicente a trair o povo, a classe social a que pertence.

6. Na presença de D. Miguel, como é que Vicente se autocaracteriza?

7. Refira a missão de que Vicente é incumbido por D. Miguel.

7.1. Pormenorize a referida missão.

8. Indique como Beresford caracteriza Andrade Corvo.

9. Explique o que leva Andrade Corvo e Morais Sarmento a não terem escrúpulos de serem denunciantes.

10. O que é para D. Miguel um patriota?

11. Identifique a figura de estilo presente na frase: «Sou duma terra onde um homem vive como um homem...»

(p. 57).

12. Refira como Beresford se autocaracteriza em diálogo com Principal Sousa.

13. Aponte o que se evidencia no conflito verbal entre Beresford, Principal Sousa e D. Miguel.

14. Identifique o objectivo da conspiração.

15. Indique quem ordena a prisão em massa dos conjurados.

16. Explique como D. Miguel caracteriza Comes Freire, o chefe da revolta.

17. 17.Na opinião de Beresford, quem poderão ser os seus inimigos?

18. Refira como se manifesta o conservadorismo de D. Miguel.

19. Identifique a figura de estilo presente na frase: «E as árvores... quem não viu as árvores da minha terra, nunca viu árvores...» (p 56).

ACTO II

1. Indique o estado de espírito de Manuel no início do 2.º acto.

2. Refira os dois papéis representados por Manuel no inicio do 2.º acto.

3. Explique a frase: «Para nós, a noite ainda ficou mais escura...» (p. 80).

4. Identifique a figura de estilo presente na frase: «Parecia um animal ferido a ganir à beira duma estrada...» (p. 82).

5. Refira os sentimentos presentes no monólogo de Matilde.

6. Explique o valor expressivo das formas verbais: «Baterei» / «clamarei» / «mendigarei» (p. 86).

7. Explicite como Matilde se autocaracteriza, em diálogo com Beresford.

8. Indique a atitude de Beresford quando Matilde lhe solicita a libertação do marido.

9. Refira a atitude dos populares face ao desespero de Matilde.

10. Explique a simbologia da moeda que Manuel dá a Matilde.

11. Identifique o único amigo e confidente de Matilde e de Gomes Freire de Andrade.

12. Explique como Sousa Falcão caracteriza D. Miguel Forjaz e Gomes Freire de Andrade.

13. Explicite o sentido da frase: «É inútil bater-lhe à porta.» (p. 117).

14. Aponte as razões pelas quais Matilde, mesmo sabendo que D. Miguel Forjaz não atenderá o seu pedido, decide solicitar-lhe a libertação do marido.

15. Como justifica o criado o facto de D. Manuel não receber Matilde?

16. Qual o significado da frase: «Lisboa há-de cheirar toda a noite a carne assada, Excelência, e o cheiro há-de-lhes ficar na memória durante muitos anos...» (p. 131)?

17. Indique o significado da moeda lançada aos pés do Principal Sousa. por Matilde.

18. Explique como se autocaracteriza Sousa Falcão por não ter tido a coragem para estar na primeira linha.

19. Refira o que simboliza o clarão da fogueira.

20. Explique o título *Felizmente Há Luar!*

Actividades de expressão escrita

O general Gomes Freire de Andrade foi condenado sem ter tido oportunidade de defender a sua inocência. Imagina quais teriam sido os argumentos que teria apresentado em sua defesa se tivesse podido ir a tribunal defender-se. Veste a sua pele.

Actividade 1 - Num texto bem estruturado apresenta os seus argumentos de defesa.

Luís de Sttau Monteiro denuncia a opressão vivida na época em que escreve esta obra, isto é, em 1965, durante a ditadura de Salazar. Assim, o recurso à distanciação histórica e à descrição das injustiças praticadas no início do século XIX, permitiu-lhe também, colocar em destaque as injustiças do seu tempo.

Actividade 2 - Denuncia tu também as injustiças do teu tempo, num texto em prosa ou em drama.

Bibliografia

Aula Viva - Português B - 12º Ano, João Augusto da Silva, Porto Editora: pp:154-179

Dimensão Literária - Português A - 12º Ano Hilário Pimenta e Vasco Moreira. Porto Editora: pp 135-187

Felizmente há luar!- Luís de Sttau Monteiro – Areal Editores

Internet

http://aulaportugues.no.sapo.pt/modulo14.htm (consultado em 12/09/06)